**DIOCESE DE UNIÃO DA VITÓRIA – PR**

**PLANO DIOCESANO DE AÇÃO EVANGELIZADORA 2021 – 2024**

***"FAMÍLIAS EVANGELIZADAS E TESTEMUNHANDO SUA FÉ"***

## SUMÁRIO


LISTA DE SIGLAS ..... 3
**PRIORIDADE** ..... 4
**OBJETIVO** ..... 4
**VERSÍCULO BÍBLICO INSPIRADOR** ..... 4
OUTROS VERSÍCULOS ..... 4
**INTRODUÇÃO** ..... 5
**CAPÍTULO 1 - A REALIDADE ATUAL DA FAMÍLIA NA DIOCESE DE UNIÃO DA VITÓRIA** ..... 6
1.1. Situação da Igreja na Diocese de União da Vitória ..... 6
1.1.1. – Forças ..... 6
a) Esforços na formação de agentes ..... 6
b) Engajamento dos leigos e leigas ..... 7
c) Juventudes ..... 7
d) Ação Missionária ..... 7
e) Acolhida ..... 7
f) Catequese ..... 7
1.1.2. – Fraquezas ..... 8
a) Perda do senso de comunidade ..... 8
b) Afastamento da Juventude ..... 8
c) Ausência de diversas pastorais e missionariedade ..... 8
d) Catequese ..... 8
e) Planejamento Pastoral e Diretório Litúrgico/Sacramental ..... 9
1.2. A Situação Das Famílias Em Nossa Diocese ..... 9
1.2.1. Perfil das famílias na diocese ..... 9
1.2.2. Situação Socioeconômica ..... 9
1.2.3. Situação Religiosa e Cultural ..... 10
a) Influência dos Valores Cristãos ..... 10
b) Influência da Cultura Urbana ..... 10
**CAPÍTULO 2 - A FAMÍLIA SEGUNDO O PLANO DE DEUS E O MAGISTÉRIO DA IGREJA (julgar)** ..... 11
**2.1 – A ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA CRISTÃ** ..... 11

2.1.1. A Inspiração Bíblica: fonte da espiritualidade da família cristã ..... 11
a) Primeira Inspiração: viver segundo o projeto de Deus ..... 11
b) Segunda Inspiração: Confiança na Providência Divina ..... 12
c) Terceira Inspiração: a abertura para formar a grande família de Deus ..... 12
d) Quarta Inspiração: Viver na Fidelidade a Deus ..... 13
e) Quinta Inspiração: Família de Nazaré, a plenitude do modelo familiar ..... 13
f) Sexta Inspiração: Famílias servidoras de Deus e da Vida ..... 13
**2.2 – O PROJETO DE DEUS SOBRE O MATRIMÔNIO** ..... 13
2.2.1 - Propriedades e Fundamentos do Matrimônio Cristão: Unidade e indissolubilidade ..... 14
a) Unidade ..... 14
b) Indissolubilidade: um Amor Conjugal que Exige Fidelidade ..... 15
2.2.2 – Abertura à Vida – O Exercício da Sexualidade como fonte de crescimento no amor e aberto à vida ..... 17
a) O Amor Unitivo ..... 17
b) O Amor Procriativo ..... 18
c) Paternidade e Maternidade Responsáveis ..... 19
2.2.3 - Educação dos Filhos ..... 20
**2.3 – INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ** ..... 23
2.3.1- Etapas ou tempos ..... 23
2.3.2 - A Igreja a partir do Concílio Vaticano II ..... 25
2.3.3 – A Família e a Iniciação à Vida Cristã ..... 26
**2.3.4 – A FAMÍLIA E A CATEQUESE A SERVIÇO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ** ..... 27
**CAPÍTULO 3 - ESTRATÉGIAS DA AÇÃO EVANGELIZADORA (agir)** ..... 31
3.1. Pilar da Palavra: Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica da Vida e da Pastoral (ano 2021) ..... 32
3.2. Pilar do Pão: Liturgia e Espiritualidade (ano 2022) ..... 34
3.3. Pilar da Caridade: serviço à vida plena (ano 2023) ..... 35
3.4 – Pilar da Ação Missionária: estado permanente de missão (ano 2024) ..... 37
**ANEXO 1** ..... 40
**SUGESTÃO DE CRONOGRAMA PARA O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES** ..... 40

## LISTA DE SIGLAS

AG *Ad Gentes*

AL *Amoris Laetitia*

At *Livro dos Atos dos Apóstolos*

ChV *Christus Vivit*

CIC *Codex Iuris Canonic*: Código de Direito Canônico

CIgC *Catecismo da Igreja Católica*

Cl *Carta de São Paulo aos Colossenses*

CM *Cooperatio Missionalis*: Cooperação Missionária

CNPF *Comissão Nacional da Pastoral Familiar*

DAp *Documento de Aparecida*

DGAE *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora*

Doc *Documentos da CNBB*

DP *Documento de Puebla*

EG *Evangelii Gaudium*

EN *Evangelii Nuntiandi*

Ex *Livro do Êxodo*

FC *Familiaris Consortio*

GE *Gravissimum Educationis*

Gn *Livro do Gênesis*

Hb *Carta aos Hebreus*

IBGE *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas*

Jo *Evangelho segundo João*

1Jo *1ª Carta de São João*

Js *Livro de Josué*

Lc *Evangelho segundo Lucas*

LG *Lumen Gentium*

Mc *Evangelho segundo Marcos*

MR *Missal Romano*

Mt *Evangelho segundo Mateus*

SC *Sacrossanctum Concilium*

Sl *Livro dos Salmos*

## PRIORIDADE

A XV Assembleia Diocesana elegeu **a Família** como prioridade da evangelização diocesana para o próximo quadriênio (2021-2024).

## OBJETIVO

Garantir que as famílias católicas se tornem verdadeiras células cristãs, favorecendo a evangelização dos seus membros e propiciando que se tornem testemunhas de Jesus Cristo para seus próprios membros, na Igreja e na sociedade.

Promover a evangelização das famílias por meios que contemplem a inspiração catecumenal, trabalhando em sintonia com a "Iniciação à Vida Cristã" e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da CNBB (2019-2023), "Comunidades Eclesiais Missionárias", na proposta dos quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Missão, ao longo de quatro anos (2021-2024).

## VERSÍCULO BÍBLICO INSPIRADOR

"*Eu e minha família serviremos ao Senhor*" (Js 24,15).

## OUTROS VERSÍCULOS

"*Mas recebereis a força do Espírito Santo que virá sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e na Samaria, até os confins da terra*" (At 1,8).

"*E perseveravam na doutrina dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha e nas orações*" (At 2,42)

"*Perseverantes e bem unidos, frequentavam diariamente o Templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração*" (At 2,46).

"*Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para a pesca*" (Lc 5,4).

"*Jesus percorria cidades e povoados, proclamando e anunciando o Evangelho do Reino de Deus*" (Lc 8,1).

"*Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática*" (Lc 8,21).

"*Ide e fazei discípulos meus todos os povos*" (Mt 28,19).

"*O que vimos e ouvimos, nós anunciamos*" (1Jo 1,3).

## INTRODUÇÃO

O Papa Francisco inicia o segundo capítulo da Exortação Apostólica Amoris Laetitia com a seguinte frase: "*O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja"*[1]. Com essa frase ele destaca a importância da família para a formação de um mundo que esteja em sintonia com os valores evangélicos.

No entanto, a realidade humana da família no tempo atual corre um grande perigo que é o individualismo, pois o mesmo desvirtua os laços familiares dentro da sociedade, fazendo com que cada indivíduo dentro da família viva como se fosse uma ilha. Ao viver assim, o mesmo acaba achando que não precisa de ninguém para a formação de sua personalidade, considerando-se autossuficiente.

É necessário, pois, recuperar o sentido evangélico de família, onde os membros da mesma atuem em conjunto nas responsabilidades e tarefas. Essa comunicação familiar ajuda na construção de um verdadeiro "lar", realidade que transcende a simples aglomeração espacial de pessoas ligadas pelo mesmo sangue. No lar é necessária a cooperação de todos; é necessário deixar o individualismo de lado, pois cada um, dentro do lar, é uma pedra fundamental para o boa relação entre as pessoas que ali convivem. A formação desses lares vai nos ajudar a compreender e edificar aquela realidade que as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora para a Igreja no Brasil - 2019-2023* chamou de *casa*. Casa aí é a Comunidade Eclesial Missionária, realidade que gera proximidade relacional entre as pessoas e que pode ser assim caracterizada: *"Suas portas estão continuamente abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair. São portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores. Estão igualmente abertas para sair em missão, anunciando Jesus Cristo e seu Reino, indo ao encontro do outro, especialmente dos pobres e sofredores"*[2].

As DGAE esclarecem que a Comunidade Eclesial Missionária precisa estar sustentada por quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Missão. O pilar da Palavra compreende a iniciação à vida cristã e animação bíblica; o do Pão compreende a liturgia e a espiritualidade; o da Caridade compreende o serviço à vida plena e o da Missão compreende o estado permanente de missão.

A Diocese de União da Vitória, em sua XV Assembleia de Evangelização priorizou a família como o foco central para os esforços da sua ação evangelizadora, para os anos de 2020 a 2024. Para isso é necessário a construção de um Plano Diocesano de Ação Evangelizadora. Esse projeto estará pautado pelas indicações apontadas nas DGAE (2019-2023) e pela Iniciação à Vida Cristã, por meio da qual se conferirá uma inspiração catecumenal à toda sua ação evangelizadora, propiciando à família um caminho que a leve a Jesus Cristo, um caminho que faça dela sua discípula, aprendiz e seguidora.

*"A família é chamada a ser lugar de iniciação (à vida cristã), onde se aprende a rezar e a viver os valores da fé. Aos pais cristãos cabe a primeira*

---

[1] Cf. AL, 31

[2] Cf. DGAE 2019-2023, n. 7

*responsabilidade pela formação de seus filhos no seguimento de Jesus Cristo"*[3]. Para alcançar este objetivo, a família precisa do respaldo da Igreja. O presente Projeto de Evangelização visa nortear os passos que a Diocese de União da Vitória deverá dar para oferecer às famílias este respaldo.

## CAPÍTULO 1

## A REALIDADE ATUAL DA FAMÍLIA NA DIOCESE DE UNIÃO DA VITÓRIA

### 1.1. Situação da Igreja na Diocese de União da Vitória

Em 1977, quando a Diocese de União da Vitória foi criada, a mesma contava com 12 paróquias distribuídas em 11 municípios e uma população de aproximadamente menos de 200 mil habitantes. Naquela época, a realidade e a cultura da região onde se situa eram predominantemente rurais e os vínculos das famílias com a Igreja e a religiosidade eram profundos, bem maiores do que nos dias atuais. O catolicismo era a religião predominante. Os usos e costumes eram baseados na fé católica.

Hoje, passados 43 anos de sua criação, a Diocese conta com 25 paróquias, mais de 450 comunidades, distribuídas em 13 municípios com um total aproximado de 240 mil habitantes. Percebe-se que, além da mudança nos dados estatísticos, também houve, de lá para cá, uma mudança muito forte na realidade cultural. A região que compõe nossa Diocese acompanhou a transformação cultural da sociedade em geral, e hoje, apesar de ainda ser uma região de realidade predominantemente "rural", vive uma cultura bastante "urbana", permeada pelos hábitos, costumes, opções e tecnologias do mundo pós-moderno que, consequentemente influenciam no modo de constituição das famílias, na sua ligação com a Igreja e na sua forma de viver a fé.

As contribuições oferecidas pelas paróquias no processo de preparação para a XV Assembleia Diocesana da Ação Evangelizadora, mostram uma visão panorâmica da realidade atual de nossa diocese com suas forças e fraquezas. Mostra também as várias oportunidades que podem ser mais aproveitadas para uma melhor evangelização e para a formação de famílias mais cristãs. Com o intuito de ajudar a orientar nossa visão sobre a realidade atual da Igreja Particular de União da Vitória, apresentaremos neste capítulo as forças e as fraquezas apontadas. As oportunidades estarão entre as linhas de ação para cada pilar do nosso projeto, apresentadas no terceiro capítulo.

### 1.1.1. – Forças

A comunidade eclesial diocesana conta com várias "forças" que animam o modo de evangelizar frente a realidade da atual cultura urbana. O levantamento colhido junto às paróquias na fase de preparação da XV Assembleia Diocesana da Ação Evangelizadora, destaca as que passamos a elencar.

#### a) Esforços na formação de agentes

Há, por parte de várias paróquias, o empenho em oferecer ao Povo de Deus uma boa formação para a recepção dos sacramentos e para a liturgia, o que

[3] Cf. CNBB, Doc. 107, n. 199

propicia, em muitos casos, um maior envolvimento e uma melhor atuação daquelas lideranças que exercem as várias funções litúrgicas, entre elas os MECEs (Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística) e os coroinhas; cujo número e atuação tem se observado melhorar.

É também visível um crescente envolvimento e atuação dos(as) leigos(as) nos Conselhos (CPAEs, CEPs e Conselhos Comunitários), fruto da boa formação oferecida para estas lideranças em várias paróquias. O mesmo acontece quando da realização de festas e outros eventos comunitários.

**b) Engajamento dos leigos e leigas**

Em muitos casos, mesmo com o número de leigos engajados reduzido, constata-se também que há bons trabalhos sendo realizados por eles na coordenação e nas atividades dos movimentos (como RCC, Cursilho, Terço dos Homens, Capelinhas, Serra, etc.), dos organismos (como ECC); das associações religiosas (Apostolado da Oração e Legião de Maria) e das pastorais (da Criança, da Pessoa Idosa, do Dízimo, Juvenil, etc.).

**c) Juventudes**

A juventude tem se despontado como uma grande força em potencial na vida das comunidades eclesiais, especialmente através da presença e da atuação dos jovens em grupos e expressões juvenis, bem como nas atividades das pastorais, dos movimentos e dos conselhos. Os eventos juvenis, em nível diocesano, realizados nos últimos anos têm contribuído fortemente para isso.

**d) Ação Missionária**

A ação missionária diocesana tem sido outra força que, nos últimos anos, tem ajudado a impulsionar o anúncio do Evangelho e promover a aproximação das famílias com as comunidades eclesiais. Tal ação é realizada por meio das Santas Missões Populares Diocesanas, das ações dos diversos grupos e conselhos missionários, frutos das próprias Santas Missões e também pelas muitas visitas às famílias feitas pelos padres e por lideranças de diversos grupos de movimentos e pastorais.

**e) Acolhida**

A boa acolhida e o bom atendimento oferecidos nas secretarias paroquiais, bem como os atendimentos individualizados com acolhida, aconselhamentos pastorais e orientações espirituais, além da oportunidade para confissões com dias e horários específicos oferecidos pelos padres, tem se mostrado como uma grande força a ser ainda mais aproveitada.

**f) Catequese**

Apesar de aparecer entre as fraquezas apontadas, a catequese, sem dúvida ainda é uma das grandes forças na evangelização em nossas comunidades eclesiais. Na maioria das paróquias ela é bem preparada, ainda que, se perceba claramente a necessidade de que ela assuma, inadiavelmente o estilo e a inspiração catecumenal. A Escola Catequética Diocesana e as várias escolas catequéticas paroquiais em funcionamento, são igualmente, grandes ferramentas para a formação dos catequistas.

### 1.1.2. – Fraquezas

Passamos a elencar as principais fraquezas apontadas pelas paróquias no levantamento preparatório para a XV Assembleia Diocesana.

**a) Perda do senso de comunidade**

Percebe-se que o conhecimento da fé católica se torna cada vez mais supérfluo, e consequentemente, há uma acentuada perda do senso de comunidade eclesial. Esta perda, aliada à falta de uma formação mais consistente e clara sobre a fé católica, em especial sobre a Palavra de Deus e a Liturgia, levam, cada vez mais, a uma diminuição na participação do Povo de Deus nas Celebrações Eucarísticas e da Palavra, a um menor envolvimento dos leigos nos conselhos, organismos, movimentos e pastorais; o que diminui cada vez mais a quantidade de boas lideranças nas comunidades eclesiais. Percebe-se, junto a isto, um crescente indiferentismo quanto às questões da fé e uma também crescente busca pela prática religiosa individualista.

**b) Afastamento da Juventude**

Nota-se, também, apesar de alguns bons esforços, a dificuldade da juventude, em suas várias expressões, assumir o seu protagonismo nas atividades das comunidades eclesiais.

**c) Ausência de diversas pastorais e missionariedade**

Também é muito claro que a ausência de várias pastorais (como por exemplo: Pastoral Litúrgica, da Esperança, do Dízimo, Vocacional, Da Acolhida, Carcerária, Operária, da Criança, da Pessoa Idosa, etc.) que ainda não estão organizadas a nível diocesano, e, por consequência, ainda não estão presentes em várias paróquias, ou onde existem o seu funcionamento está aquém do desejado, faz com que boa parte das pessoas e das famílias ainda não sejam alcançadas, acolhidas e evangelizadas adequadamente. Nesta questão, se verifica, ainda que, no caso das lideranças dos conselhos, movimentos, pastorais e organismos que se empenham em fazer algum trabalho, o espírito missionário ainda não está suficientemente formado e presente. Isso faz com que, apesar dos bons esforços, o verdadeiro rosto de Igreja em saída missionária ainda não esteja bem formado em nossas comunidades eclesiais bem como nos grupos de movimentos e pastorais.

**d) Catequese**

Percebe-se também que a catequese, apesar de todo o empenho, organização e da caminhada já feita, ainda não consegue envolver totalmente os catequizandos, pais e familiares. A indiferença e a ausência de muitos pais e responsáveis e, em muitos casos, até dos próprios catequizandos nas várias atividades e celebrações da comunidade eclesial é bastante forte. É nítida, também, a ausência de catequistas nos vários momentos e espaços de formação oferecidos pelas paróquias. Tudo isto permite constatar que, apesar dos esforços, a catequese ainda precisa atingir o seu objetivo de realmente oferecer a iniciação à vida cristã, num viés mais catecumenal, ou seja, oferecer uma real experiência com a pessoa de Jesus Cristo que leve o catequizando a se decidir por Cristo e o Reino de Deus.

**e) Planejamento Pastoral e Diretório Litúrgico/Sacramental**

Constata-se, por fim, que a falta de um melhor planejamento pastoral diocesano, e, também, de normas mais claras no formato de diretórios de liturgia e de sacramentos, entre outros, faz com que as debilidades na evangelização diante da realidade atual, se tornem mais evidentes. Problema este, que podemos, a partir da XV Assembleia Diocesana e do presente plano de ação evangelizadora, ajudar a sanar.

## 1.2. A Situação Das Famílias Em Nossa Diocese

Ao fazermos uma análise geral sobre o modo como se encontram as famílias em nossa diocese nos dias atuais, podemos verificar que existem, entre elas, as seguintes realidades:

### 1.2.1. Perfil das famílias na diocese[4]

- A Diocese possui uma população total estimada em 240.000 habitantes.
- Aproximadamente 80% se dizem católicos.
- Entre 20 e 30% são idosos.
- Há uma crescente diminuição na fecundidade: de 50 a 60% das famílias possuem de 1 a 2 filhos apenas.
- Em uma média de 10 a 20% das famílias as mães cuidam sozinhas dos filhos.
- Estima-se que haja uma média de 40% dos casais vivendo apenas em união estável e até 30% de casais divorciados.

### 1.2.2. Situação Socioeconômica[5]

- Em nossa Diocese, as famílias vivem, em média, 60% nas áreas urbanas e 40% nas áreas rurais dos municípios.
- Estima-se que 56% das famílias são pobres e possuem uma renda mensal de até 2 salários mínimos.
- Aproximadamente 70% da população possui casa própria, embora a maioria das moradias sejam simples.
- Uma média de 40 a 60% das pessoas possuem grau de escolaridade baixo, não chegando nem a ter concluído o 9º ano do ensino fundamental.
- Praticamente todas as famílias tem acesso à saúde, sendo que de 70 a 90% através unicamente do SUS.
- O mesmo acontece com relação ao acesso à educação: de 70 a 90% dependem exclusivamente do ensino público.
- Uma média de 30 a 40% das famílias sofrem com a presença das drogas, do alcoolismo e dos problemas relacionados a eles.

É importante frisar que, com o advento da Pandemia do Covid-19, as perspectivas para o futuro de muitas famílias são de mais dificuldades. Será sentido muito forte o aumento da pobreza, pela diminuição de frentes de trabalho, especialmente dos que trabalham nas cidades; bem como um empobrecimento geral pelo aumento do endividamento público seja da União, dos estados e dos

[4] IBGE, Censo 2010 e estimativas para 2020.
[5] Idem, ibidem.

municípios com os gastos no combate da doença. Tudo isto influenciará diretamente na vida das famílias.

### 1.2.3. Situação Religiosa e Cultural

**a) Influência dos Valores Cristãos**

Apesar das dificuldades da vida e dos apelos do mundo pós-moderno e da cultura urbana, constatamos que existem muitas famílias que ainda vivem sob a cultura da fé: têm sua base no Sacramento do Matrimônio, conservam um profundo vínculo com a comunidade eclesial e um envolvimento pastoral forte. Nestas, os pais procuram educar seus filhos transmitindo a eles os valores e as bases da fé e formá-los também para o vínculo comunitário, empenham-se para viver como "igrejas domésticas" e são verdadeiras testemunhas do Evangelho. Isso pode ser percebido tanto nas realidades urbanas quanto nas rurais.

**b) Influência da Cultura Urbana**

Por outro lado, vemos que muitas outras famílias vêm se constituindo e vivendo, cada vez mais, sob a mentalidade da sociedade atual em geral, a qual é profundamente marcada pela cultura urbana. Isto se constata tanto nas famílias que moram nas áreas urbanas, quanto nas que vivem nas localidades rurais mais longínquas da sede dos municípios.

Essa influência da cultura urbana é bastante visível quando percebemos que hoje, cada vez mais pessoas ou famílias inteiras têm acesso às ferramentas e meios de comunicação social mais modernos, por meio da internet atualmente com alcance até em lugares mais distantes. Com a chegada cada vez mais veloz da comunicação e das informações, chegam, também, os costumes e a cultura antes mais predominantes nas cidades e grandes centros: novas formas de constituição familiar, crescente número de separações e de casais vivendo apenas amasiados ou então em segunda ou mais uniões; aumento na quantidade de pais e mães solteiros, de filhos criados por outros membros da família, ou que não recebem dos pais nenhum cuidado afetivo e tampouco a transmissão da fé. Acrescente-se a isso, relacionamentos desprovidos de compromissos por parte dos jovens solteiros, nos quais predomina o encontro sexual desde o seu início, bem como a ideologia de gênero, que propõe situações novas e inteiramente estranhas ao *modus vivendi* conhecido até há pouco tempo.

Consequentemente, cresce cada vez mais, a desestruturação familiar e a cultura urbana do indiferentismo religioso, do afastamento ou a perda do vínculo com a comunidade eclesial. Em muitos casos, também há, após a quebra do vínculo com a comunidade católica, a procura de muitas pessoas e/ou famílias por diferentes comunidades eclesiais, quase sempre de vertente neopentecostal, muitas vezes motivada pela busca de solução imediata ou "milagrosa" para os vários tipos de problemas e situações cada vez mais vividas pelas mesmas, tais como: desemprego, pobreza, endividamento, alcoolismo, uso de drogas, prostituição, brigas e violência doméstica, doenças, depressão, etc.

Constatado tudo isto, conclui-se que, de fato, a família merece especial atenção e precisa ser urgentemente assumida como uma prioridade onde seja

concentrada grande parte do empenho na ação evangelizadora da Igreja presente na Diocese de União da Vitória.

## CAPÍTULO 2

## A FAMÍLIA SEGUNDO O PLANO DE DEUS E O MAGISTÉRIO DA IGREJA (julgar)

### 2.1 – A ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA CRISTÃ

No caminho da Iniciação à Vida Cristã, a Palavra de Deus ocupa um lugar central, especialmente na vida em família. Orientação segura para a vida, alimento, luz, guia para a oração, são algumas de suas características que fazem dela fonte de inspiração para a espiritualidade e a caminhada familiar. É ela um alimento sempre novo que oferece a saciedade para as diferentes situações e desafios da vida. Ela é aquela que supre a necessidade de pedagogia no caminho, a fim de se ter uma vida singrada, orientada à luz da Palavra. É em Deus e no contato com a sua Palavra que a família encontra o seu ponto de restauração diante das inevitáveis rupturas maiores ou menores que impactam a sua caminhada.

Redescobrir a Palavra de Deus com todo o seu valor precioso na história da vida pessoal e familiar hoje, torna-se uma necessidade urgente. É um processo que tem o seu início na catequese familiar, com a sabedoria da fé repassada através das gerações das famílias, e que deixa como herança um tesouro imaterial de incomparável valor.

A família, ao levar os seus membros a aprofundar a pertença a Deus e compreender a vocação batismal à luz da Palavra, vai vencendo os desafios permanentes de manter uma fé viva, que se abre ao processo da pedagogia do caminho, se atualiza, cresce e amadurece, pois vislumbra na história da vida concreta a ação da presença de um Deus próximo e amigo.

#### 2.1.1. A Inspiração Bíblica: fonte da espiritualidade da família cristã

Olhando para a Palavra de Deus, contemplamos nela a história de inúmeras famílias, e podemos com elas aprender a beleza relacional, comunicada tanto pelo relacionamento entre o homem e a mulher, como entre os pais e os filhos. Aprendemos também a partir da Sagrada Escritura que a família é o lugar em que se alicerça a vida relacional, a formação para a vida, a santificação e a formação humana dos novos membros, constituindo-se, desta forma, a base do tecido social.

Contemplando alguns modelos de família nas Sagradas Escrituras, podemos afirmar que servem de verdadeiras inspirações para que as nossas famílias alcancem a vida plena desejada por Deus. Vejamos:

**a) Primeira Inspiração: viver segundo o projeto de Deus**

A Bíblia nos apresenta a primeira família humana, formada por Adão e Eva, Caim e Abel[6] como protótipo inicial do projeto Deus para a família, os quais

[6] Cf. Gn 4, 1-2

deveriam viver segundo sua vontade, em plena harmonia familiar. Mas, também em seu início narrativo e simbólico, esta história nos apresenta que, quando em não conformidade com os planos de Deus e sua vontade, o humano encontra o seu ponto de ruptura, desfigurando a vontade divina e a si mesmo pelos caminhos do egoísmo, dando lugar e vazão a caminhos do mal e da violência que o conduzem para as trevas do pecado. Felizmente, podemos também a partir desta narrativa contemplar que, mesmo diante do pecado, da ruptura e do afastamento do homem de sua vontade suprema, Deus continua a manifestar a sua misericórdia e o seu amor através do caminho da salvação que vai sendo construído e arquitetado ao longo de toda a trajetória bíblica.

**b) Segunda Inspiração: Confiança na Providência Divina**

Com Abraão e Sara[7], podemos vislumbrar na História Sagrada, o Deus da Aliança, que se revela como um Deus vivo e próximo, que os escolhe como família e os incumbe de uma nobre missão, a de serem os pais de uma multidão e colaborar, desta forma, com os desígnios da Providência para conduzir o seu povo à Terra Prometida. Com eles, podemos conhecer um Deus que suscita novos caminhos permeados de esperança e que unicamente pede da parte dos seus o abandono total à sua providência, postura esta que se torna o estímulo necessário e essencial para que as famílias dos demais patriarcas da fé bíblica, em seu caminho familiar e relacional com o Deus vivo, possam inspirar todas as famílias que formam esta grande multidão a ser conduzida pelo Criador até à terra da promessa.

Algo importante a se considerar na trajetória das famílias dos patriarcas é que o ponto de chegada era importante, mas, mais ainda importante, tornou-se o caminho, a peregrinação, pois foi nele e através dele que, mantendo a fidelidade a Deus, experimentaram a ação da sua providencia, e fizeram em sua história pessoal através dos séculos passados, a experiência da proximidade com o Deus vivo, que lhes oferecendo a sua luz e proximidade, os ia provando, mas também fortalecendo e depurando sua fé neste processo.

**c) Terceira Inspiração: a abertura para formar a grande família de Deus**

Olhando ainda para o Antigo Testamento, temos a família de Moisés, salvo das águas logo após o seu nascimento[8]. Moisés seria, mais tarde aquele que iria conduzir, estando à frente, o povo da Aliança no caminho da libertação do Egito em sua trajetória para a terra prometida. A história de Moisés e da libertação do povo hebreu revela o desejo de Deus de formar a família maior, o povo eleito do Deus da Aliança.

O Catecismo da Igreja ensina que “Depois dos patriarcas, Deus formou Israel como seu povo, salvando-o da escravidão do Egito. Concluiu com ele a aliança do Sinai e deu-lhe, por Moisés, a sua Lei, para que Israel O reconhecesse e O servisse como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e justo Juiz, e vivesse na expectativa do Salvador prometido[9].”

---

[7] Cf. Gn 12
[8] Cf. Ex 2,10
[9] Cf. CIgC n. 62

Assim, percebemos que o desejo de Deus é congregar o seu povo em uma única família e os acompanhar.

**d) Quarta Inspiração: Viver na Fidelidade a Deus**

O Novo Testamento nos apresenta a família de Zacarias e Izabel[10], idosos, fiéis e tementes a Deus, que mesmo na impossibilidade de gerarem filhos, não desanimaram em seu caminho familiar. Confiando e servindo a Deus com toda a fidelidade, mesmo diante da esterilidade, foram agraciados pela ação extraordinária de Deus, que lhes possibilitou serem pais, mesmo em idade longeva, de um menino, a quem deram o nome de João e que foi o precursor do filho de Deus.

**e) Quinta Inspiração: Família de Nazaré, a plenitude do modelo familiar**

E é, de forma especial que olhamos, por fim, no Novo Testamento, para aquela que denominamos de Sagrada Família de Nazaré, família que se torna o modelo inspirador ideal: sinal, alicerce, exemplo e norte de tudo aquilo que uma família saudável necessita possuir e construir em sua caminhada ou em seu início de caminho. É com ela que a família aprende a fé profunda, bem como o deixar-se inspirar e cuidar por Deus.

A Sagrada Família, que por parte de José e Maria, foi a princípio constituída e almejada pelos laços humanos de suas próprias famílias, foi depois, por desígnio da providência, destinada por Deus para revelar a sua presença humana entre os homens. Um casal que disse sim, um sim livre e confiante, e com isso possibilitou que o Verbo se fizesse carne e habitasse entre nós.

**f) Sexta Inspiração: Famílias servidoras de Deus e da Vida**

Finalmente, por meio deste pequeno e singelo olhar para a Sagrada Escritura sobre a família, soa muito forte como chave de leitura o tema inspirador para o nosso plano Diocesano de Ação Evangelizadora, o qual tem como prioridade a Família, o Livro de Josué: “Porque, quanto a mim, eu e minha casa serviremos o Senhor[11]”. O convite que se estende a todos os homens e mulheres, jovens e crianças, pessoas de boa vontade, a olharem sempre para a dimensão preciosa e mestra da vida e do saber das gerações: a vida em família.

## 2.2 – O PROJETO DE DEUS SOBRE O MATRIMÔNIO

“O Deus Trindade é comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivente.[12]”

O Matrimônio, entre um homem e uma mulher, é um feliz projeto do amor de Deus desde a criação. Quando criou o homem, percebendo que estava sozinho, Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe seja semelhante[13]”. E deu-lhe a mulher por companheira. E, continua a

[10] Cf. Lc 1
[11] Cf. Js 24,15
[12] Cf. AL, n. 11
[13] Cf. Gn 2,18

Palavra, “Por isso, deixará o homem o seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher e os dois serão uma só carne[14]”.

O Papa Francisco na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Amoris Laetitia, a Alegria do Amor, chama a atenção para o significado do verbo “Unir” na língua hebraica: “No original hebraico, *explica o Papa*, o verbo «unir-se» indica uma estreita sintonia, uma adesão física e interior, a ponto de se utilizar para descrever a união com Deus, como canta o orante: «A Ti está ligada a minha alma»[15]. Deste modo, evoca-se a união matrimonial não apenas na sua dimensão sexual e corpórea, mas também na sua doação voluntária de amor. O fruto desta união é «tornar-se uma só carne», quer no abraço físico, quer na união dos corações e das vidas e, porventura, no filho que nascerá dos dois e, em si mesmo, há de levar as duas «carnes», unindo-as genética e espiritualmente.[16]”

Deste modo a Igreja compreende o projeto de Deus para o matrimônio e a família. Ao criar o mundo, o homem e a mulher, Deus criou também o seu projeto para a humanidade. Ele confiou-lhes a tarefa de crescerem e de formarem uma família, no momento em que disse ao primeiro casal: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e dominem sobre os peixes, as aves e todos os animais”[17].

A família é um projeto de Deus, porque já estava nos seus planos desde o princípio. Jesus confirmou este desígnio de Deus quando o defendeu contra o adultério e o divórcio dizendo, “O que Deus uniu, o homem não separe”[18], voltando a levar o matrimónio e a família à sua forma original[19].

A família, projeto de Deus, é também a base da sociedade. É nela que o ser humano pode se desenvolver de modo saudável e tornar-se cidadão.

### 2.2.1 - Propriedades e Fundamentos do Matrimônio Cristão: Unidade e indissolubilidade

A Igreja estabelece como elementos ou propriedades essenciais do Matrimônio cristão a Unidade e a Indissolubilidade[20]. O que é isso? É o que veremos a seguir.

#### a) Unidade

Por Unidade entende-se o casamento feito entre um homem e uma mulher. Monogâmico. Existem outras formas de união: a poligamia (união de várias mulheres com um só homem); a poliandria (união de vários homens com uma só mulher) ou a promiscuidade sexual. “Porém somente a monogamia pode estabelecer entre o homem e a mulher uma solidariedade completa e assegurar a igualdade fundamental à qual a mulher tem direito tanto quanto o homem. O casamento monogâmico é também o único em que os dois esposos formam uma

[14] Cf. Gn 2,24
[15] Cf. Sl 63,9
[16] Cf. AL, n. 13
[17] Cf. Gn 1,28
[18] Cf. Mt 19,6
[19] Cf. Mc 10,1-12
[20] Cf. CIC cân.1056

só entidade moral no que diz respeito a educação dos filhos. Em outros termos, o regime monogâmico é o único em que os esposos constituem verdadeiramente uma família, centro da vida dos dois”[21].

O Documento 79 da CNBB, Diretório da Pastoral Familiar, lembra ainda que a Palavra de Deus quando diz que: “Deixará o homem o seu pai e a sua mãe para unir-se à sua mulher”[22], fala de um só pai e de uma só mãe e de uma só mulher com a qual se contrai matrimônio excluindo portanto a poligamia e a poliandria. “Mais ainda, quando o mesmo texto acrescenta as palavras “e os dois formarão uma só carne” afirma-se claramente e de modo positivo a unidade do matrimônio”[23].

Ao tornarem-se “uma só carne” pelo pacto conjugal, o homem e a mulher são chamados a crescerem nesta comunhão através da fidelidade à promessa matrimonial. Além da complementariedade natural existente entre o homem e a mulher, a comunhão ou unidade conjugal alimenta-se também da vontade mesma dos esposos em condividir, num projeto de vida, o que são e o que tem. Pelo Sacramento do Matrimônio, “o Espirito Santo oferece aos esposos o dom da unidade semelhante àquela unidade que torna a Igreja o indivisível corpo místico de Cristo”[24].

**b) Indissolubilidade: um Amor Conjugal que Exige Fidelidade**

Sobre esta propriedade do Matrimônio encontramos a seguinte definição no Diretório Nacional da Pastoral Familiar: “Por indissolubilidade entende-se, como a própria palavra assim expressa, que o matrimonio não se pode dissolver; que dura a vida toda, até a morte”[25].

Jesus, «ao referir-Se ao desígnio primordial sobre o casal humano, reafirma a união indissolúvel entre o homem e a mulher, mesmo admitindo que, “por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu que repudiásseis as vossas mulheres; mas, ao princípio, não foi assim”[26].

Vejamos o que diz o Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica, Amoris Laetitia, A Alegria do Amor: “A indissolubilidade do matrimónio (‘o que Deus uniu não o separe o homem’: Mt 19, 6) não se deve entender primariamente como “jugo” imposto aos homens, mas como um “dom” concedido às pessoas unidas em matrimónio. (...) A condescendência divina acompanha sempre o caminho humano, com a sua graça, cura e transforma o coração endurecido, orientando-o para o seu princípio, através do caminho da cruz. Nos Evangelhos, sobressai claramente a postura de Jesus, que (...) anunciou a mensagem relativa ao significado do matrimónio como plenitude da revelação que recupera o projeto originário de Deus (cf. Mt 19, 3)”[27].

---

[21] Cf. CNBB, Doc. 79, n. 181
[22] Cf. Gn 2,24
[23] Cf. CNBB, Doc. 79, n. 182
[24] Cf. FC, n. 19
[25] Cf. CNBB, Doc. 79, n. 183
[26] Cf. Mt 19,8
[27] Cf. AL, n. 62

Em vista de um casamento cristão, cuja indissolubilidade é uma das propriedades essenciais, ou seja, o casamento é para toda vida, é fundamental conhecer-se e deixar-se conhecer pelo outro. O conhecimento mútuo só é possível mediante um diálogo sincero, acompanhado de uma verdadeira disposição interior de mudança. Ninguém é perfeito. Todos temos qualidades e defeitos. Somos seres em construção. Mesmo não se tornando perfeito, com humildade e com a colaboração sincera e amiga do outro, cada cônjuge, pode se aperfeiçoar.

Não vale a pena ostentar uma falsa imagem de si mesmo durante o tempo do namoro e do noivado. A transparência é o melhor caminho e uma forma de amor para com o outro. Existem pessoas que se deixam conhecer verdadeiramente somente depois do casamento. Isso pode prejudicar a vida da família. Claro que o conhecimento mútuo do casal se aprofunda com o tempo, com a convivência, mas o tempo do namoro e do noivado, sobretudo, deve ser tempo de conhecer e deixar-se conhecer pelo outro.

O conhecimento de si e do outro, em um casamento, pode evitar surpresas desagradáveis. Para um casal, a arte de conviver e ser feliz, pode ser chamada de harmonia conjugal, que só pode ser conseguida com o diálogo entre o casal e, consequentemente, com o conhecimento mútuo.

Sabemos que a palavra amor possui vários significados. Na língua grega temos três palavras que nos ajudam a entender o significado da palavra amor: *Filos*, *Ágape* e *Eros*. *Filos* é o amor de amizade, o amor de benevolência; *ágape* é o amor doação, o amor de caridade, amor sem esperar nada em troca e *eros*, é o amor carnal, atração natural entre um homem e uma mulher.

Em um casamento feliz e harmonioso é preciso que estejam presentes estes três "amores". Num casal, os cônjuges precisam antes de tudo, ser amigos e aprender a se doar um ao outro. Por isso, a Igreja nos ensina que a fase do namoro e do noivado não é a fase das relações sexuais e, sim, o momento de se treinarem na arte de serem amigos e servir ao outro. O amor conjugal, propriamente dito, "*eros*", vem depois. A verdadeira amizade e a doação generosa de um ao outro são a base de um relacionamento que se espera que seja para sempre, indissolúvel. Até mesmo quando se esgotarem as forças do amor carnal, o casal pode continuar feliz, sendo uma verdadeira família feliz.

Por outro lado, um casal que não vivencia a amizade (amor *filia*) e o serviço um do outro (amor *ágape*), dificilmente conseguirá manter o seu casamento por muito tempo, nem mesmo por meio do sexo. O sexo (amor *eros*)**,** sozinho, não garante a indissolubilidade do pacto matrimonial.

Porém, além de crescerem no conhecimento mútuo, através do diálogo sincero e na amizade verdadeira, no amor de benevolência, os noivos e os futuros cônjuges precisam confiar na graça de Deus. O Papa Francisco nos lembra que "a graça do sacramento do matrimônio destina-se, antes de mais nada, a aperfeiçoar o amor dos cônjuges"[28].

[28] Cf. AL, n. 89

São João Paulo II, na Exortação Pós-Sinodal sobre a Família nos tempos de hoje, diz: “Cristo renova o desígnio primitivo que o Criador inscreveu no coração do homem e da mulher, e, na celebração do sacramento do matrimónio, oferece um «coração novo»: assim os cônjuges podem não só superar a «dureza do coração», mas também e sobretudo compartir o amor pleno e definitivo de Cristo, nova e eterna Aliança feita carne. Assim como o Senhor Jesus é a «testemunha fiel», é o «sim» das promessas de Deus e, portanto, a realização suprema da fidelidade incondicional com que Deus ama o seu povo, da mesma forma os cônjuges cristãos são chamados a uma participação real na indissolubilidade irrevogável, que liga Cristo à Igreja, sua esposa, por Ele amada até ao fim”[29].

Na mesma Exortação Apostólica citada acima, São João Paulo II, louva e encoraja os casais que mesmo diante de inúmeras dificuldades conservam e desenvolvem o dom da indissolubilidade matrimonial tornando-se um sinal do amor de Deus pela humanidade. O Papa faz referência também ao testemunho daqueles casais que, “embora tendo sido abandonados pelo consorte, com a força da fé e da esperança cristãs, não contraíram uma nova união. Estes cônjuges dão também um autêntico testemunho de fidelidade, de que tanto necessita o mundo de hoje. Por isto mesmo devem ser encorajados e ajudados pelos pastores e pelos fiéis da Igreja”[30].

### 2.2.2 – Abertura à Vida – O Exercício da Sexualidade como fonte de crescimento no amor e aberto à vida

A sexualidade é hoje um dos assuntos mais falados, sobretudo nas mídias sociais, TV e Internet. Porém, na maioria das vezes, isto acontece de forma distorcida, imoral e não cristã. Por isso, a necessidade deste tema ser abordado no contexto deste Plano Diocesano de Ação Evangelizadora.

O Papa Francisco na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal afirma que “A sexualidade não é um recurso para compensar ou entreter, mas trata-se de uma linguagem interpessoal onde o outro é tomado a sério, com o seu valor sagrado e inviolável”[31].

A Igreja quando fala da sexualidade do casal se refere ao seu duplo objetivo: unitivo e procriativo. Assim se expressa o Catecismo da Igreja Católica: “Pela união dos esposos realiza-se o duplo fim do Matrimônio: o bem dos cônjuges e a transmissão da vida”[32].

#### a) O Amor Unitivo

Por unitivo, entende-se, não somente a união física, mas a união completa, de corpo e alma, como uma comunhão espiritual. “No casamento, a intimidade corporal dos esposos se torna um sinal e um penhor da comunhão

[29] Cf. FC, n. 20
[30] Ibidem n. 20
[31] Cf. AL, n. 151
[32] Cf. CIgC, n. 2363

espiritual. Entre os batizados, os vínculos do matrimônio são santificados pelo sacramento”[33].

A sexualidade é um ponto muito importante na vida de um casal. Tão importante que, o casal que não entende o lugar da sexualidade no matrimônio, pode passar por sérias crises, até ao ponto de ver seu casamento chegar ao fim. Como no tempo do noivado, o casal deve agora se abrir a um diálogo sincero sobre o assunto e buscar seu ajustamento, sua harmonia sexual.

O Catecismo da Igreja Católica afirma que, para os esposos “a sexualidade é fonte de alegria e prazer”[34]. O prazer e a satisfação sexual no casamento é uma das dádivas concedidas pelo Criador, ao casal, no exercício da sexualidade. Os esposos não fazem nada de mal, de imoral, em buscar este prazer. No casamento, o sexo se torna algo sagrado. Sendo assim, o ato sexual entre os esposos, deve ser sempre cercado de amor e de respeito um pelo outro. O Papa Francisco lembra na sua Exortação Apostólica Amoris Laetitia, A Alegria do Amor, que “São João Paulo II rejeitou a ideia de que a doutrina da Igreja leve a «uma negação do valor do sexo humano» ou que o tolere simplesmente «pela necessidade da procriação». A necessidade sexual dos esposos não é objeto de menosprezo, e não se trata de modo algum de pôr em questão aquela necessidade”[35].

“Assim, *continua Francisco*, não podemos, de maneira alguma, entender a dimensão erótica do amor como um mal permitido ou como um peso tolerável para o bem da família, mas como dom de Deus que embeleza o encontro dos esposos. Tratando-se de uma paixão sublimada pelo amor que admira a dignidade do outro, torna-se uma «afirmação amorosa plena e cristalina», mostrando-nos de que maravilhas é capaz o coração humano, e assim, por um momento, sente-se que a existência humana foi um sucesso”[36].

Se é importante que o casal converse sobre relacionamento, profissão, filho e orçamento familiar, é fundamental que também converse sobre sexo.

Dado a exigência de um amor amadurecido e comprometido, devemos ter bem claro que o ato sexual é algo reservado ao casal unido pelo sacramento do matrimônio e não para, namorados, noivos e, até, entre desconhecidos, como infelizmente tem acontecido. Ainda que tenha se tornado algo comum, tal atitude não faz parte da fé cristã e o Catecismo da Igreja Católica nos ensina de forma clara: “A sexualidade está ordenada para o amor conjugal entre homem e mulher”[37].

**b) O Amor Procriativo**

“O amor sempre dá vida. Por isso, o amor conjugal «não se esgota no interior do próprio casal (...). Os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para

[33] Ibidem, n. 2360
[34] Ibidem, n. 2362
[35] Cf. AL, n. 150
[36] Ibidem, n. 152
[37] Cf. CIgC, n. 2360

além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe”[38].

O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica, lembra que “no Antigo Testamento, a palavra que aparece mais vezes depois da designação divina (YHWH, o «Senhor») é «filho» (ben), um termo que remete para o verbo hebraico que significa «construir» (banah). (...) a presença dos filhos é, (...) um sinal de plenitude da família na continuidade da mesma história de salvação, de geração em geração”[39].

“O bebé que chega «não vem de fora juntar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio coração deste dom mútuo, do qual é fruto e complemento. Não aparece como o final dum processo, mas está presente desde o início do amor como uma característica essencial que não pode ser negada sem mutilar o próprio amor. Desde o início, o amor rejeita qualquer impulso para se fechar em si mesmo, e abre-se a uma fecundidade que o prolonga para além da sua própria existência. Assim nenhum ato sexual dos esposos pode negar este significado, embora, por várias razões, nem sempre possa efetivamente gerar uma nova vida”[40].

Vejamos o que diz ainda o Papa Francisco: “As famílias numerosas são uma alegria para a Igreja. Nelas, o amor manifesta a sua fecundidade generosa. Isto não implica esquecer uma sã advertência de São João Paulo II, quando explicava que a paternidade responsável não é «procriação ilimitada ou falta de consciência acerca daquilo que é necessário para o crescimento dos filhos, mas é, antes, a faculdade que os cônjuges têm de usar a sua liberdade inviolável de modo sábio e responsável, tendo em consideração tanto as realidades sociais e demográficas, como a sua própria situação e os seus legítimos desejos”[41].

**c) Paternidade e Maternidade Responsáveis**

Apesar da geração de filhos ser algo extremamente belo, no entanto, é necessário buscar uma paternidade e maternidade responsáveis. É preciso avaliar as possibilidades que se tem, sejam elas físicas, psicológicas ou financeiras.

Porém, é preciso deixar claro que paternidade responsável não é o mesmo que incentivar a contracepção. A Igreja é favorável à concepção, à geração da vida de forma responsável.

Vejamos o que diz o Catecismo da Igreja Católica: “Por razões justas, os esposos podem querer espaçar os nascimentos de seus filhos. Cabe-lhes verificar que seu desejo não provém do egoísmo, mas está de acordo com a justa generosidade de uma paternidade responsável”[42].

---

[38] Cf. AL, n. 165
[39] Ibidem, n. 14
[40] Ibidem, n. 80
[41] Ibidem, n. 167
[42] Cf. CIgC, n. 2368

O Catecismo fala de “razões justas”. Por razões justas deve se entender várias situações como saúde física ou psicológica, maturidade afetiva dos esposos, situação financeira ou profissional. Muitos casais, porém, por medo do futuro, de um mundo cada vez mais violento e levado até por “boatos” de que a terra não comporta uma “superpopulação”, não querem ter filhos, ou então, se limitam a ter somente um filho. Pensam que os filhos poderiam sofrer futuramente em um mundo incerto. Falta para eles a fé viva que afasta o medo e traz esperança. Mas em geral, é o impacto financeiro ou as carreiras profissionais que fazem com que muitos casais reduzam o número de filhos. Aqui, ajudaria muito a confiança num estilo de vida mais baseada nos critérios evangélicos e que, certamente, conduzem a uma vida feliz, pois é na simplicidade e na renúncia que a felicidade e os verdadeiros valores se fazem presentes em nossas vidas.

A família numerosa aparece na Sagrada Escritura como uma “benção divina”. A verdade é que criar filho único é um desafio para os pais. Sem falar que faz bem para a criança ter irmãos com os quais pode partilhar a vida e aprender a ser solidário com os outros. Um filho único não tem esta chance, pois não precisa dividir suas coisas e não tem de quem receber o afeto “fraterno”.

Para pôr em prática a paternidade e maternidade responsáveis, o casal também deve se preocupar com a forma de administrar sua fertilidade, tendo em vista a vivência da sexualidade e, caso decidam espaçar os nascimentos, o devem fazer por meios naturais.

O Catecismo da Igreja Católica diz: “A continência periódica, os métodos de regulação da natalidade baseados na auto-observação e nos recursos aos períodos infecundos estão de acordo com os critérios objetivos da moralidade. Estes métodos respeitam os corpos dos esposos, animam a ternura entre eles e favorecem a educação de uma liberdade autêntica. Em compensação, é intrinsicamente má “toda ação que, ou em previsão do ato conjugal, ou durante a sua realização, ou também durante o desenvolvimento de suas consequências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação”[43].

Entre os métodos naturais, a Igreja dá ênfase ao Método da Ovulação Billings(MOB), considerado o mais seguro entre os Métodos naturais, com eficácia comparada aos métodos artificiais mais modernos. “É um método cientifico que passou e passa por constantes estudos e pesquisas. Hoje temos anos de estudo e comprovações cientificas acumuladas que o fez ser reconhecido pela Organização Mundial da saúde e até por governos, como a China, que já o utilizaram em seus programas de saúde”[44].

### 2.2.3 - Educação dos Filhos

São João Paulo II, na Exortação Apostólica Familiaris Consortio, A Família nos dias de hoje, diz: “Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprida. Com efeito, é dever

[43] Ibidem, n. 2370

[44] Cf. CNPF, Matrimônio: Encontros de Preparação, pág. 132-133.

dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades tem necessidade”[45].

O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica Pós Sinodal, Amoris Laeticia, A Alegria do Amor, dá a fundamentação bíblica do dever-direito dos pais em relação à educação dos filhos. Assim se expressa o Papa: “Os pais têm o dever de cumprir, com seriedade, a sua missão educativa, como ensinam frequentemente os sábios da Bíblia (cf. Pr 3, 11-12;6, 20-22; 13, 1; 29, 17). Os filhos são chamados a receber e praticar o mandamento «honra o teu pai e a tua mãe» (Ex 20, 12), querendo o verbo «honrar» indicar o cumprimento das obrigações familiares e sociais em toda a sua plenitude, sem os transcurar com desculpas religiosas (cf. Mc 7, 11-13). Com efeito, « quem honra seu pai intercederá pelos pecados, evitará cair neles e será ouvido na oração cotidiana. Quem respeita a sua mãe é como alguém que ajunta tesouros» (Eclo 3,3-4)”[46].

A casa da família cristã é um lugar onde Deus habita. Por isso continua Francisco falando dessa realidade divina e eclesial da família: “Sabemos que, no Novo Testamento, se fala da «igreja que se reúne em casa» (cf. 1Cor 16, 19; Rm 16, 5; Col 4, 15; Fm 2). O espaço vital duma família podia transformar-se em igreja doméstica, em local da Eucaristia, da presença de Cristo sentado à mesma mesa. Inesquecível é a cena descrita no Apocalipse: «Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo» (3, 20). Esboça-se assim uma casa que abriga no seu interior a presença de Deus, a oração comum e, por conseguinte, a bênção do Senhor”[47].

São João Paulo II diz que a educação cristã “procura dar não só a maturidade de pessoa humana... mas tende principalmente a fazer com que os batizados, enquanto são introduzidos gradualmente no conhecimento do mistério da salvação, se tornem cada vez mais conscientes do dom da fé que receberam”[48].

O direito-dever de educar dos pais não deve ser delegado a outros. Nem mesmo a educação sexual dos filhos os pais devem deixar por conta de outros. Vejamos o que diz São João Paulo II sobre este assunto: “A educação sexual, direito e dever fundamental dos pais, deve atuar-se sempre sob a sua solícita guia, quer em casa quer nos centros educativos escolhidos e controlados por eles. Neste sentido a Igreja reafirma a lei da subsidiariedade, que a escola deve observar quando coopera na educação sexual, ao imbuir-se do mesmo espírito que anima os pais”[49].

Para uma boa educação, é necessário se doar aos filhos. Não se deve considerar somente coisas materiais, como casa, roupas e alimentação. Os pais

[45] Cf. FC, n. 36
[46] Cf. AL, n. 17
[47] Ibidem, n. 15
[48] Cf. FC, n. 39
[49] Cf. FC, n. 37

devem buscar, principalmente, uma estrutura emocional e espiritual favorável ao desenvolvimento da criança.

Por isso, João Paulo II lembra que “os filhos devem crescer numa justa liberdade diante dos bens materiais, adoptando um estilo de vida simples e austero, convencidos de que «o homem vale mais pelo que é do que pelo que tem”[50].

É verdade que os pais sempre querem o melhor para seus filhos, às vezes enchendo-os de presentes. Mas o que ficará marcado na vida da criança não será a marca da roupa ou a decoração do seu berço e sim, o amor e presença dos pais, transmitindo-lhe carinho e segurança.

É preciso que os futuros pais planejem bem a chegada de seus filhos. Horários de trabalho, mudança de emprego ou até o fato de um dos cônjuges deixar de trabalhar por alguns anos, precisam ser discutidas para que se crie um ambiente favorável à criança nos seus primeiros anos de vida.

E ainda: O Documento de Aparecida diz que “é urgente valorizar a maternidade como missão excelente das mulheres. Isso não se opões ao seu desenvolvimento profissional e ao exercício de todas as suas dimensões, o que permite ser fiéis ao plano original de Deus que dá ao casal humano, de forma conjunta, a missão de melhorar a terra”[51].

Os pais devem ter consciência de que a educação dos filhos passa por muitas renúncias pessoais. A árdua tarefa de educar os filhos não pode recair sobre um dos cônjuges somente. É direito-dever dos dois. Quando os pais assumem juntos fica mais fácil. É preciso partilhar inclusive as tarefas domésticas. Assim, sobrará mais tempo para a convivência familiar, à oração principalmente, o que fará muito bem aos filhos.

A disciplina e os limites tais como horário para as refeições, para assistir televisão e fazerem as tarefas escolares fazem muito bem na educação das crianças.

Os filhos precisam ser educados para os valores cristãos e humanos. Um dos primeiros valores para o qual os filhos devem ser educados é a fé. Na celebração do matrimônio os futuros pais prometem educar os filhos na fé católica. É através da oração e da vivência da fé que os pais educam os filhos na fé. Eles são verdadeiramente os primeiros catequistas de seus filhos.

O Santo Padre João Paulo II diz que “O dever educativo recebe do sacramento do matrimónio a dignidade e a vocação de ser um verdadeiro e próprio “ministério” da Igreja ao serviço da edificação dos seus membros.

Para que os pais possam cumprir bem o “ministério” da educação de seus filhos, São João Paulo II dá uma dica importante e simples na Familiaris Consortio: “rezando com os filhos, dedicando-se com eles à leitura da Palavra de Deus e inserindo-os no íntimo do Corpo - eucarístico e eclesial - de Cristo

[50] Ibidem, n. 37
[51] Cf. DAp, n. 456

mediante a iniciação cristã, tornam-se plenamente pais, progenitores não só da vida carnal, mas também daquela que, mediante a renovação do Espírito, brota da Cruz e da ressurreição de Cristo”[52].

A formação religiosa ou a educação para a fé deve estar em sintonia com a formação para a vida social. “A família é a primeira e fundamental escola de sociabilidade: enquanto comunidade de amor, ela encontra no dom de si a lei que a guia e a faz crescer”. (...) “E a comunhão e a participação quotidianamente vividas na casa, nos momentos de alegria e de dificuldade, representam a mais concreta e eficaz pedagogia para a inserção ativa, responsável e fecunda dos filhos no mais amplo horizonte da sociedade”[53]. Um bom cristão é também um bom cidadão.

## 2.3 – INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Por Iniciação à Vida Cristã entende-se o processo de adesão à pessoa de Jesus Cristo e ao seu projeto, através da preparação para recepção dos sacramentos do batismo, crisma e eucaristia, sacramentos da Iniciação à Vida Cristã. Durante os séculos II ao VII, este processo de preparação para a recepção dos sacramentos da iniciação à vida cristã, realizava-se em quatro etapas ou tempos. Este estilo de evangelização mais tarde ficou conhecido com o nome de Catecumenato, instrução dos catecúmenos. Catecúmenos eram as pessoas que se preparavam para receber os sacramentos do batismo, crisma e eucaristia.

### 2.3.1- Etapas ou tempos

**a)** A primeira etapa era a do Pré-catecumenato. Era o tempo do primeiro anúncio, do “Querigma”, da primeira evangelização, da acolhida na comunidade; tempo da admissão ao catecumenato.

**b)** A segunda etapa era a do Catecumenato propriamente dito. Passado o tempo do primeiro anúncio (primeira etapa) chega-se agora ao tempo da catequese; tempo de aprofundamento da fé, da vivência do discipulado, do engajamento na comunidade cristã. Nesta etapa, realizavam-se diversas celebrações com os catecúmenos (aqueles que não haviam recebido nenhum sacramento) tais como celebração da entrega da Oração do Senhor (Pai-Nosso), da entrega do Símbolo da Fé (O Creio em Deus), a celebração da eleição.

**c)** A terceira etapa era a da purificação e iluminação. Era o tempo da recepção dos sacramentos. Esta etapa, a qual transcorria na Quaresma e no Tríduo Pascal, era marcada por uma intensa revisão de vida e vivência do Mistério Pascal, Morte e Ressurreição de Cristo, e na recepção dos sacramentos do batismo, crisma e eucaristia na Noite da Vigília Pascal.

**d)** A quarta etapa era a da Mistagogia, ou seja, do mergulho no mistério cristão, da vivência alegre da vida cristã e da participação na Igreja e na sua missão transformadora. Fazia-se o envio missionário daqueles que haviam renascidos pelos sacramentos da Iniciação à vida Cristã na Páscoa. De catecúmenos, passavam a ser discípulos missionários de Jesus Cristo.

---

[52] Cf. FC, n. 39

[53] Ibidem, n. 37

A palavra mistagogia, significa “introdução ao Mistério de Cristo”. “Por Mistério cristão ou sacramento entende-se o plano divino da salvação que Deus realiza na história da humanidade. O termo mistério, no Novo Testamento, não indica em primeiro lugar um segredo intelectual, mas a ação salvadora de Deus na história”[54]. Portanto, mistério, aqui não tem o significado de segredo ou de algo que não se saiba, mas “mistério” é a realidade nova vivida por aqueles que foram “sepultados e ressuscitados com Cristo”[55], é a introdução dos “iniciados” a esta ação salvadora de Deus, realizada por Cristo em suas vidas nos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã.

A mistagogia se dava, sobretudo, pela liturgia. Liturgia e catequese, andavam de mãos dadas no processo “catecumenal” da Igreja dos séculos II ao VII. Era uma catequese celebrativa.

O seguimento de Jesus, o tornar-se discípulo do Mestre, a conversão a Cristo e ao seu Evangelho era a proposta primordial da Igreja. Em outras palavras, era uma catequese que formava discípulos de Jesus e não visava somente receber os sacramentos. Os sacramentos eram a consequência de se ter aderido a Cristo. Eram exigidos dos catecúmenos sinais claros de conversão para passar para a etapa seguinte do processo catequético-catecumenal.

Este processo de evangelização entrou em decadência a partir do século V, até desaparecer por completo, entre os séculos VI e VII, pois era a época da cristandade, ou seja, do “catecumenato social”, uma vez que todas as famílias passaram a ser cristãs e as crianças já nasciam nesta realidade. O batismo de crianças tornou-se comum a partir deste momento.

A desvinculação dos três sacramentos da Iniciação à Vida Cristã também foi inevitável, já que deixaram de ser administrados conjuntamente na Noite da Vigília Pascal. Do estilo catecumenal, a catequese passa a ser uma catequese da piedade popular. Houve também uma progressiva separação entre liturgia e catequese.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) pediu que se restaurasse o catecumenato dos adultos[56], apresentando as suas características[57].

Ao pedir a restauração do catecumenato, o Concílio não pensava tanto no seu esquema formal e sim no seu “espírito catecumenal”. Exemplos deste estilo é que fosse uma catequese que caminhasse de mãos dadas com a liturgia, mais celebrativa e centrada na Palavra de Deus. O RICA, Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, publicado em 1973, é um exemplo do que pensava o Concílio acerca da restauração do catecumenato. Também deveria ser uma catequese que descobrisse a liturgia como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo, como nos diz o Documento de Aparecida: “Encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia. Ao vivê-la, celebrando o Mistério Pascal, os

[54] Cf. CNBB, Doc. 107, n. 83
[55] Cf. Cl 2, 12-13
[56] Cf. Sacrossanctum Concilium, n. 64-65
[57] Cf. Decreto Ad Gentes, n. 14

discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos missionários”[58].

### 2.3.2 - A Igreja a partir do Concílio Vaticano II

A partir do pedido do Concílio Vaticano II de que o catecumenato dos adultos fosse restaurado e que fosse revista a pastoral da Iniciação à Vida Cristã, muitos Documentos foram elaborados sobre a catequese, como *O Diretório Catequético Geral* (1971), o *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* (1973), a *Catechesi Tradendae* (1979), o *Catecismo da Igreja Católica* (1992), o *Diretório Geral para a Catequese* (1997) e o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (2005).

Aqui no Brasil, a CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, publicou a *Catequese Renovada* (1983) e o *Diretório Nacional de Catequese* (2006). Em 2011, a Iniciação à Vida Cristã foi assumida como uma das urgências da Ação Evangelizadora pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015). Em 2017, a CNBB publicou e confiou às Dioceses o Documento 107, *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*.

A Iniciação à Vida Cristã não é uma pastoral a mais e sim, o eixo central que une toda a ação pastoral e evangelizadora da Igreja. Toda a atividade evangelizadora da Igreja deve ter como objetivo formar discípulos missionários de Jesus Cristo, verdadeiros seguidores de Cristo que, tendo feito a experiência do seu amor e salvação, se tornem testemunhas desse amor.

A Iniciação à Vida Cristã requer novas disposições pastorais, docilidade à voz do Espírito Santo, escolhas corajosas e muita paciência. O Documento 107 nos lembra que este foi o caminho percorrido por São Paulo, como vemos em suas Cartas, e pelos primeiros cristãos e muitos missionários durante a história da evangelização da Igreja. O encontro de Jesus com a samaritana, como também com os demais discípulos, nos faz ver que Jesus se revela àqueles que o procuram de maneira progressiva, como acontece com a Iniciação à Vida Cristã.

A catequese de Iniciação à Vida Cristã inclui, mas não se reduz a tempo e etapas, a esquemas rígidos. A inspiração catecumenal necessita da consciência expressa por Tertuliano, um dos Padres da Igreja: “Os cristãos não nascem, se fazem”[59].

A conversão pastoral exigida de nós pelos novos tempos deve ter como centro o Querigma trinitário, ou seja, o anúncio explicito de que Jesus Cristo foi enviado pelo Pai, por nós e, por nosso amor e salvação, derramou o seu sangue na cruz, ressuscitou vencendo a morte e agora, pelo Espirito Santo, vive conosco, nos iluminando e nos libertando do mal e do pecado. Este deve ser o anúncio central de toda a atividade evangelizadora da Igreja.

---

[58] Cf. DAp, n. 250

[59] Cf. CNBB Doc. 107, n.58

A CNBB deseja que todas as atividades e a Ação Evangelizadora da Igreja sejam de inspiração catecumenal.

Mas, em que consiste isso? Ou o que isso significa? Em primeiro lugar não significa reproduzir hoje o catecumenato antigo e, sim, desenvolver uma pastoral de inspiração catecumenal, como desejamos com este Plano Diocesano de Ação Evangelizadora para nossa Diocese, neste quadriênio de 2020 a 2024. Que a inspiração catecumenal seja aplicada a Pastoral Familiar e a toda ação evangelizadora de nossa diocese.

Uma pastoral de inspiração catecumenal não seria uma pastoral retrógrada? Coisa do passado? Ao contrário, a Igreja está convencida de que trilhar pelos caminhos de uma pastoral de "inspiração catecumenal" é resgatar a "juventude" da Igreja para aplicá-la à evangelização de nossos dias.

### 2.3.3 – A Família e a Iniciação à Vida Cristã

Em qualquer Plano de Ação Evangelizadora, a família deve ocupar um espaço privilegiado. Ocupar-se da família é para a Igreja hoje um desafio e um compromisso do qual ela não pode fugir. Evangelizar é a "Vocação própria da Igreja"[60] e é na família que a evangelização encontra o seu primeiro foco e centro de irradiação. "A família é ao mesmo tempo sujeito e objeto da evangelização"[61], ou seja, ela é evangelizada e evangelizadora.

A Iniciação à Vida Cristã começa já no seio materno. "Ao transmitir a vida a um filho(...), começa para os pais o "ministério" da evangelização"[62]. Por isso, é tão importante que a evangelização da Igreja junto à família leve-a a encontrar-se verdadeiramente com Jesus Cristo e a fazer, por Ele, no Espírito Santo, uma verdadeira experiência do amor de Deus Pai, tornando- se discípula missionária de Jesus. Só assim, a família se tornará apta a iniciar seus filhos em uma autêntica vida cristã.

No seio de uma família que tem consciência de sua vocação e missão cristã, todos os seus membros são evangelizados. A família é a primeira comunidade chamada a anunciar a Boa Nova de Cristo para o ser humano em crescimento até a maturidade da fé.

A Igreja de União da Vitória escolheu a família como prioridade de sua ação evangelizadora para este quadriênio de 2020 a 2024. O Documento 107 da CNBB, *Iniciação a Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, pede esta solicitude da igreja e de seus agentes da evangelização[63].

Roguemos à família de Nazaré, modelo e exemplo de todas as famílias, para que as nossas Paróquias se tornem verdadeiramente "Casas" de Iniciação à Vida Cristã, e saibam levar cada família a um verdadeiro encontro com Cristo tornando-se cada vez mais evangelizadas e evangelizadoras.

---

[60] Cf. EN, n. 14
[61] Cf. Documento de Puebla, n. 569
[62] Idem, n. 584
[63] Cf. CNBB, Doc. 107, n. 203-204

### 2.3.4 – A FAMÍLIA E A CATEQUESE A SERVIÇO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Fazendo eco às palavras do Papa Francisco citadas na introdução deste Plano Diocesano de Ação Evangelizadora: "o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja"[64], a esta altura pretendemos iluminar e discernir a missão que a catequese precisa desempenhar na indispensável relação entre ela e a família e assim auxiliar para que este bem sagrado não se perca em meio a tantos outros pseudo-bens que estão ocupando o seu lugar.

Cabe-nos aqui, deixar claro qual seja a missão da família e da catequese especificamente, e buscar apresentar a necessária relação que a Igreja Particular de União da Vitória precisa buscar estabelecer se quiser responder de maneira exitosa à inspiração catecumenal que é o fio condutor da opção pastoral e evangelizadora da Igreja para os nossos dias[65].

Como já se acenou no primeiro capítulo, o grande problema do tempo atual não parece ser o de "crer", mas a incapacidade ou o desinteresse de fazê-lo juntos ou de maneira comunitária. Na família e na sociedade a cultura urbana[66], com todas as suas luzes e sombras, invade todos os espaços e idades, atingindo a tudo e a todos nós. O mundo atual e o Brasil passam por profundas transformações. Reiteradamente se tem afirmado que estamos em uma "mudança de época"[67], em que os fundamentos últimos para a compreensão da realidade se tornam frágeis a ponto de suscitar perplexidade e insegurança. As atuais Diretrizes da Ação Evangelizadora (2019-2023), resgatando um pouco da história do atual desafio da evangelização da família, demonstram que já há tempos isso se tem ressentido em nossas comunidades: "não se trata de alterações em aspectos secundários, porém nas compreensões mais profundas a respeito da vida, de Deus, do ser humano, da família e de toda a realidade"[68]. As atuais diretrizes ainda chamam a atenção para a preocupação que este tipo de cultura que "ignora e subverte a inviolável compreensão do que seja o ser humano, atingindo o próprio futuro da família, célula mãe da sociedade"[69].

Antes disso, já em 2017, os Bispos, diante deste quadro desafiador destacaram uma postura de absoluta necessidade para que se pense e se viva a prática evangelizadora e pastoral dos nossos tempos: "na mudança de época em que nos encontramos, a opção religiosa é uma escolha pessoal. Já não é mais uma tradição herdada desde o núcleo familiar. Hoje se evangeliza por atração"[70].

Ora, se por Iniciação à Vida Cristã entende-se: "ser iniciado na vida de Cristo, no modo de viver de Cristo"[71], pode-se falar de um mergulho cada vez mais profundo em Cristo Água Viva[72], e que esta é uma tarefa de toda vida. Um

---

[64] Cf. AL, n. 31
[65] Cf. CNBB, Doc. 107, p. 13
[66] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023, n. 27ss
[67] Cf. DAp, n.44
[68] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023, n. 43
[69] Id. Ibid.
[70] Cf. CNBB, Doc. 107, n. 7
[71] Id. Ibid. p. 11
[72] Cf. Jo 4,14

caminho de pertencimento que transforma a vida de quem o faz: “a vida cristã é um novo projeto de vida (...) o seu agir será outro, passando a um novo modo de vida no campo pessoal, comunitário e social”[73]. A tarefa da catequese fecundada pela inspiração catecumenal é exatamente o de auxiliar para que a Palavra de Deus se faça ressoar em nossos catequizandos e também em suas famílias, a fim de que juntos possam responder com fé e assim edificar a Igreja, comunidade constituinte do Corpo de Cristo.

Mas como a catequese vai conseguir dar conta desta missão? Não obstante a catequese diocesana caracterizar-se por esforços enormes, como já foi acenado no primeiro capítulo deste Plano de Ação Evangelizadora, a família precisa reassumir a sua missão catequizadora por excelência. Não é sem razão que o Diretório Nacional da Catequese chama a família de “Igreja doméstica, berço da vida e da fé”[74]. E continua: “apesar dos dramas vividos pelas famílias, continua sendo fundamental para a fé cristã um alto conceito e ideal sobre a família como lugar onde se colocam os fundamentos para a construção da personalidade do ser humano a partir de valores humanísticos, enriquecidos pelo Evangelho (...) como tal, a família hoje exige uma catequese acolhedora, criativa e encarnada, que dê esperança, que mostre como viver o amor dentro das condições objetivas de cada pessoa”[75].

Há que se lembrar que no processo formativo integral de uma criança, de um adolescente, de um jovem, etc., é primordial a participação da família na catequese. Como se disse, a família forma para a vida e para a fé. Tanto na educação em geral, como na formação religiosa, o pai e a mãe tem grande influência na vida dos filhos. O ser humano tem suas primeiras vivências em família. O Documento de Aparecida nos diz: “(...), é dever dos pais, especialmente através de seu exemplo de vida, a educação dos filhos para o amor como dom de si mesmos e a ajuda que eles prestam para descobrir sua vocação de serviço, seja na vida leiga como na vida consagrada. Desse modo, a formação dos filhos como discípulos de Jesus Cristo se realiza nas experiências da vida diária na própria família. Os filhos têm o direito de poder contar com o pai e a mãe para que cuidem deles e os acompanhem até a plenitude de vida”[76].

Ora, se por Iniciação à Vida Cristã entende-se: “ser iniciado na vida de Cristo, no modo de viver de Cristo”[77], pode-se falar de um mergulho cada vez mais profundo em Cristo Água Viva[78], e que esta é uma tarefa de toda vida. Um caminho de pertencimento que transforma a vida de quem o faz: “a vida cristã é um novo projeto de vida...o seu agir será outro, passando a um novo modo de vida no campo pessoal, comunitário e social”[79]. A tarefa da catequese fecundada pela inspiração catecumenal é exatamente o de auxiliar para que a Palavra de Deus se faça ressoar em nossos catequizandos e também em suas famílias, a fim

[73] Cf. CNBB, Doc. 107, n. 5
[74] Cf. CNBB, Doc. 84, n. 296
[75] Cf. Id. Ibid.
[76] Cf. Documento de Aparecida, n. 303
[77] Cf. CNBB, Doc. 107, p. 11
[78] Cf. Jo 4,14
[79] Cf. CNBB, Doc. 107, n. 5

de que juntos possam responder com fé e assim edificar a Igreja, comunidade constituinte do Corpo de Cristo.

Mas como a catequese vai conseguir dar conta desta missão? Não obstante a catequese diocesana caracterizar-se por esforços enormes, como já foi acenado no primeiro capítulo deste Plano de Ação Evangelizadora, a família precisa reassumir a sua missão catequizadora por excelência. Não é sem razão que o Diretório Nacional da Catequese chama a família de "Igreja doméstica, berço da vida e da fé"[80]. E continua: "apesar dos dramas vividos pelas famílias, continua sendo fundamental para a fé cristã um alto conceito e ideal sobre a família como lugar onde se colocam os fundamentos para a construção da personalidade do ser humano a partir de valores humanísticos, enriquecidos pelo Evangelho...como tal, a família hoje exige uma catequese acolhedora, criativa e encarnada, que dê esperança, que mostre como viver o amor dentro das condições objetivas de cada pessoa"[81]

Há que se lembrar que no processo formativo integral de uma criança, de um adolescente, de um jovem, etc., é primordial a participação da família na catequese. Como se disse, a família forma para a vida e para a fé. Tanto na educação em geral, como na formação religiosa, o pai e a mãe tem grande influência na vida dos filhos. O ser humano tem suas primeiras vivências em família. O Documento de Aparecida nos diz: "(...), é dever dos pais, especialmente através de seu exemplo de vida, a educação dos filhos para o amor como dom de si mesmos e a ajuda que eles prestam para descobrir sua vocação de serviço, seja na vida leiga como na vida consagrada. Desse modo, a formação dos filhos como discípulos de Jesus Cristo se realiza nas experiências da vida diária na própria família. Os filhos têm o direito de poder contar com o pai e a mãe para que cuidem deles e os acompanhem até a plenitude de vida"[82].

A mesma Conferência Episcopal reconhece que a família é patrimônio da humanidade, é um tesouro valioso, pois é lugar e escola de comunhão, fonte de valores humanos e cívicos[83]. E antes disso, o Concílio Vaticano II apontava para a importância da família não só para a Igreja, mas para toda a sociedade: "a família é a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade"[84].

Especificamente em nosso contexto eclesial, não se pode esquecer que a catequese inicia-se na família, onde se aprendem os primeiros passos da vida cristã. É no colo da mãe e do pai que se aprendem as primeiras orações e outras expressões da fé. O modo como os pais falam de Deus para seus filhos marca o início da vida cristã de uma criança. O Diretório Nacional de Catequese é muito claro quando aborda esse tema: "Espera-se que seja no cotidiano do lar, na harmonia e aconchego, mas também nos limites e fracassos, que os filhos experimentem a alegria da proximidade de Deus através dos pais. A experiência

[80] Cf. CNBB, Doc. 84, n. 296
[81] Id. Ibid.
[82] Cf. DAp, n. 303
[83] Id. Ibid. n. 302
[84] Cf. GE, n. 3

cristã positiva, vivida no ambiente familiar, é uma marca decisiva para a vida do cristão. A própria vida familiar deve tornar-se um itinerário de educação da fé e uma escolha de vida cristã. O futuro da evangelização depende em grande parte da Igreja doméstica"[85]. Há que se lembrar ainda que "para a Igreja, os pais são os primeiros e principais responsáveis pela vida e pela educação de seus filhos; são os primeiros educadores da fé"[86].

Porquanto, diante do quadro de tanta indiferença e relativismo religioso próprio dos nossos tempos, tal como nossa última Assembleia Diocesana destacou na sua apreciação acerca do olhar lançado sobre nossa realidade e trazido à tona em nosso primeiro capítulo, como conseguir engajar as famílias nesse novo e necessário processo evangelizador que tem a vida cristã como fonte, caminho e meta de todo nosso agir pessoal e eclesial?

Nota-se, que o grande desafio da Igreja é fazer com que os pais acompanhem afetiva e efetivamente a catequese de seus filhos no processo de Iniciação à Vida Cristã. Antes de tudo, para que aconteça a participação afetiva e efetiva da família na catequese do filho, a própria família necessita de catequese, para assumir seu papel de educadora da fé. Novamente o Novo Diretório da Catequese nos ajuda: "a catequese com crianças e adolescentes se inspire, o mais possível, nos moldes da catequese familiar, em que os pais são preparados para educarem seus filhos na vida cristã e para os sacramentos"[87]. Aí sim a família ao assumir seu papel, torna-se a primeira catequista de seus filhos, cumprindo sua missão educativa e inserindo-os no caminho da iniciação à vida cristã. Compreende-se então, que a família, neste caso, constituirá de verdade, uma pequena Igreja que, juntamente, com a paróquia, tornar-se-á lugar de Iniciação à Vida Cristã, oferecendo aos filhos um sentido cristão de existência que a acompanhará em toda a sua história de vida.

Muito mais do que pequenas, casuais e monótonas reuniões, algumas apenas às vésperas da recepção dos sacramentos, as famílias precisam conceber-se como corresponsáveis pela catequização de seus filhos. Do contrário, a catequese terá cada vez mais dificuldade de cumprir sua missão que estará sobrecarregada e possivelmente, sem conseguir dar conta das lacunas herdadas pelos catequizandos na sua vivência de fé pouco alimentada no ambiente familiar.

Em outras palavras, as famílias precisam ser evangelizadas e evangelizadoras. Compreender-se como lugares e agentes de evangelização. São João Paulo II, com uma visão muito clara exortava: "a família deve formar os filhos para a vida, de modo que cada um realize plenamente o seu dever, segundo a vocação recebida de Deus"[88].

Contudo, mesmo com tantos desafios, a catequese acredita na família como ambiente propício para o desenvolvimento da fé cristã. É uma catequese, sem dúvida, mais vivencial do que sistemática. "Os pais são os primeiros mestres

[85] Cf. CNBB, Doc. 84, n. 238
[86] Id. Ibid. n. 297
[87] Id. Ibid. n. 298
[88] Cf. FC, n. 53

da fé. Se os filhos não tiverem tais mestres, a catequese necessitará ainda de mais competência de acolhimento para educa-los na fé”[89].

Para dar conta deste longo e belo caminho de encontro de cada pessoa com Jesus Cristo, fonte e meta da Iniciação à Vida Cristã, citamos ainda um texto que servirá de luz para nos orientar nos apontamentos concretos de como colocar em prática todas essas reflexões que foram trazidas à tona até aqui acerca da imperiosa e saudável relação entre a catequese e a família a serviço da fé: “não se pode imaginar uma catequese com jovens, adolescentes e crianças sem um trabalho específico com os pais. A catequese familiar é de certo modo insubstituível, antes de tudo, pelo ambiente positivo e acolhedor, persuasivo pelo exemplo dos adultos e pela primeira explícita sensibilização e prática da fé. Enquanto a família não for capaz de contribuir para isso, o catequista e a comunidade têm uma tarefa ainda mais delicada e urgente, a ser desenvolvida com sensibilidade e carinho”[90].

Que todos: família, comunidade, agentes de pastoral, catequistas, religiosos(as) e sacerdotes, tomemos consciência de nossa missão de batizados, de sermos discípulos e missionários. Tendo feito uma profunda experiência, um profundo encontro com o Cristo, sejamos para nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos sinais da presença de Jesus no mundo. Que Maria a “Estrela da nova Evangelização”[91] nos ensine a sermos verdadeiros anunciadores: com alegria, com entusiasmo, com coragem e com “um novo ardor de ressuscitados para levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte”[92].

## CAPÍTULO 3

## ESTRATÉGIAS DA AÇÃO EVANGELIZADORA (agir)

A família é a prioridade que a nossa Diocese de União da Vitória escolheu para a sua ação evangelizadora nos anos de 2020 a 2024.

Nos dois primeiros capítulos deste nosso projeto, pudemos nos situar sobre a realidade das famílias em nossa diocese (capítulo 1: ver) e julgar à luz do projeto de Deus para a família, contido na Palavra de Deus e nos ensinamentos do Magistério da Igreja (capítulo 2), os critérios para a realidade ideal que precisamos alcançar, a fim de termos famílias segundo a vontade do Senhor.

Neste terceiro capítulo, queremos, então, apontar pistas de ação para ajudar as famílias, dentro de um projeto bem articulado de evangelização, a superar os atuais desafios impostos pela cultura urbana, apontados pelas DGAE (2019-2023) no número 27 e os que acrescentamos observando a realidade da nossa própria diocese.

Orientados, pelas reflexões suscitadas pelo capítulo segundo, o qual nos ofereceu critérios para um julgamento correto entre o que se encontra em nossa

[89] Cf. CNBB, Doc. 84, n. 299
[90] Id. Ibid. n. 188
[91] Cf. EG, n. 287; CNBB, Doc. 107, n. 250
[92] Id. Ibid. n. 288; Id. Ibid. n. 250

realidade e o projeto de Deus para as famílias, cremos que as respostas de ação se encontram no enfrentamento dos problemas pela via da constituição de comunidades eclesiais missionárias, concebidas como "casa dos cristãos", a qual é sustentada por seus quatro fundamentos, chamados "pilares" pelas DGAE (2019-2023), quais sejam: *1) a iniciação à vida cristã e animação bíblica da pastoral; 2) a liturgia e a espiritualidade; 3) o serviço à vida plena para todos; 4) a missão*. Apoiamo-nos nesta concepção a partir do arquétipo (modelo) que são para os cristãos as primeiras comunidades cristãs, que tinham nestes fundamentos as dimensões que sustentavam o seu ser e agir, a partir do ensinamento e da vivência com o próprio Senhor Jesus ou com aqueles que deles ouviram e viram tudo o que ele queria lhes ensinar. Estamos conscientes que um arquétipo é sempre um paradigma e por isto deve ser confrontado com a realidade atual com suas exigências. Como modelo, não se presta a ser copiado, pois deste modo não oferecerá as respostas adequadas. Deve, então, servir de inspiração para a realidade presente, exigindo que se dê respostas atuais aos desafios atuais.

Tendo em vista que todos os quatro pilares sustentam a comunidade eclesial, "casa dos cristãos", não se pode concebê-los separadamente, como se pudéssemos erguer a casa apenas em cima de um só deles. Assim, haverá que se ter em mente a existência simultânea e permanente dos quatro pilares ao longo da execução do nosso projeto, período em que todos continuarão a receber a atenção devida em vistas da sustentação da casa.

No entanto, por questões metodológicas, deveremos priorizar o investimento de nossas ações pastorais e a atenção de todos os movimentos e organismos eclesiais em cada um desses pilares, a cada ano do desenvolvimento do projeto.

Para que a "casa dos cristãos" seja bem construída e sustentada pelos quatro pilares suficientemente "sólidos", será necessária, em primeiro lugar, a constituição do CDAE – Conselho Diocesano da Ação Evangelizadora – conselho este, que terá a tarefa de articular a aplicação deste plano de evangelização, bem como toda a vida pastoral da diocese.

### 3.1. Pilar da Palavra: Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica da Vida e da Pastoral (ano 2021)

*"Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos".* (At 2,42)

Como vimos no capítulo 2, a Iniciação à Vida Cristã é o modelo mais adequado para se oferecer uma experiência permanente de Deus na vida do cristão. A inspiração catecumenal deste modelo confere às diferentes atividades catequéticas, que duram toda a vida, o contato constante com a fonte desta experiência, de modo a não permitir o esfriamento do conhecimento pessoal de Deus em Jesus Cristo, o que, caso acontecesse, acabaria levando ao afastamento ou à vivência enfraquecida da fé.

Deste modo, **em 2021 teremos o começo da implantação da Iniciação à Vida Cristã em todas as ações catequéticas da Diocese**, compreendendo-se por catequese não somente aquela de Primeira Comunhão

Eucarística e preparação para a recepção do Sacramento da Confirmação, mas também todas as preparações para os sacramentos do Batismo de crianças e do Matrimônio.

Falamos aqui que teremos o começo desta implantação porque sabemos que a Iniciação à Vida Cristã demanda grande espaço de tempo para ser devidamente implantado. Além de uma mudança de mentalidade bastante exigente, requer também a preparação adequada de inúmeros agentes que se tornem verdadeiramente capacitados para oferecê-la.

Como a prioridade diocesana é a família, cremos que a forma da iniciação à vida cristã irá refletir diretamente sobre a mesma, uma vez que a preparação de crianças, adolescentes e jovens ligados à catequese neste modelo repercutirá diretamente sobre suas famílias, já que, neste modelo, os pais são muito mais envolvidos nas diversas etapas do itinerário catecumenal.

Também a família será envolvida quando da preparação para o Sacramento do Batismo utilizando este modelo, pois os encontros de preparação com estilo catecumenal ajudarão a promover o encontro dos familiares envolvidos com Jesus Cristo, por meio do anúncio querigmático presente nas reuniões.

Diga-se o mesmo acerca dos encontros de preparação para o Sacramento do Matrimônio, cujos encontros deverão ser emoldurados pelo viés catecumenal, promovendo o encontro com o Senhor da futura família que ali se prepara, além de aprofundar a experiência dos casais que ministram os encontros. A constituição da Pastoral Familiar em âmbito diocesano e paroquial é fundamental para a correta catequese de preparação para o Sacramento do Matrimônio, bem como o acompanhamento do mesmo, em especial nos primeiros anos de casados.

Necessária se faz a implantação da Pastoral do Batismo, com encontros catequéticos em família e de estilo catecumenal.

Também é possível pensar a formação de pequenas comunidades reunindo pequeno número de famílias ao redor da Palavra de Deus, a ser lida de modo orante, utilizando o já conhecido método da Leitura Orante da Palavra, com roteiros produzidos em nossa própria Diocese, ou mesmo de materiais já existentes na Igreja. A Iniciação à Vida Cristã deverá nortear estas pequenas comunidades, por meio do contínuo anúncio querigmático e por proporcionar a experiência crescente de Deus.

Conforme sugerido pela XV Assembleia Diocesana, deveremos também contemplar neste ano, a formação dos Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística (MECEs), o que deverá ser feito também utilizando-se a inspiração catecumenal, por meio do anúncio e vivência do querígma, procurando levar os que se preparam para o exercício deste ministério extraordinário à uma verdadeira experiência de Deus.

Por fim, também conforme apontado pela XV Assembleia Diocesana, a formação dos leigos e leigas por meio da Escola de Teologia para Leigos deverá

estar entre as atividades para o Pilar da Palavra. Mais uma vez a inspiração catecumenal deverá ser o horizonte a guiar toda esta formação.

### 3.2. Pilar do Pão: Liturgia e Espiritualidade (ano 2022)

*"Eles eram perseverantes (...) na fração do pão e nas orações".* (At 2, 42)

Não podemos esquecer que a Iniciação à Vida Cristã repassará todo o nosso projeto, em suas várias atividades evangelizadoras. Assim, também aqui, quando trataremos das ações ligadas a este pilar, deveremos estar conscientes que teremos que permear tudo com ela.

Verificamos no julgar que a espiritualidade, a qual tem seu ponto alto na Liturgia, atinge em cheio a vida das famílias cristãs, pois os sacramentos são as fontes deixadas pelo Senhor Jesus para que a Igreja santifique a vida cristã. Assim, precisamos agir de modo que nossas celebrações dos sacramentos sejam, de fato, comunicação da graça de Deus a quem os celebra e verdadeiro louvor a ser oferecido a Deus pelos mesmos.

Dentro do processo catecumenal previsto pela Iniciação à Vida Cristã, vários serão os momentos em que a mistagogia e os ritos de passagem terão na Liturgia o seu ponto alto, envolvendo catequizandos e familiares, batizando e pais e padrinhos, família e casamentos, com noivos plenamente conscientes do que celebram no dia do seu matrimônio. Tudo isto deverá ser alcançado por meio de celebrações que primem por comunicar, através dos sinais e gestos, o mistério de Deus, presente ali e comunicado aos participantes.

A constituição de uma Equipe de Liturgia para os vários sacramentos é de importância fundamental para que todo o processo catecumenal atinja seu ponto alto nas celebrações dos sacramentos.

Necessário se faz também, "resgatar a centralidade do Domingo como Dia do Senhor, como o dia em que a família cristã se encontra com o Cristo por meio da participação na Missa Dominical ou, na falta desta, na Celebração da Palavra"[93]. Ações concretas como manter as Igrejas abertas; criar um verdadeiro ambiente e clima de acolhida para os que chegam e flexibilizar horários, ou nas comunidades rurais criar um esquema de celebrações mensais com dia fixo, ajudarão a atender as necessidades dos fiéis e atrair mais as famílias para a vida celebrativa da Igreja.

Precisaremos "zelar pela qualidade da homilia, cuidando para que a vida litúrgica lance raízes profundas na existência e na vida comunitária e social"[94] de nossas famílias e para que a própria homilia seja para elas "uma experiência intensa e feliz do Espírito, um encontro consolador com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento"[95].

Assim, no **ano de 2022, a prioridade será para a constituição da Pastoral Litúrgica** em toda a diocese e, consequentemente nas paróquias, caso

[93] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023, n. 164; CNBB Doc. 100, n. 267
[94] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023 n. 169
[95] Cf. EG, n. 135

ainda não exista ou não esteja bem constituída. Deverá, portanto, haver uma Comissão Diocesana que possa se responsabilizar por toda a vida litúrgica da diocese, no que diz respeito ao canto litúrgico, espaço sagrado, arte sacra, e, especialmente, à celebração das Missas, da Palavra, Batizados e Casamentos, nos moldes catecumenais.

Para tanto, haverá a necessidade da formação de agentes que compreendam o processo da Iniciação à Vida Cristã, tendo eles mesmos passado pela experiência catecumenal.

Por fim, como apontado pela XV Assembleia Diocesana, será necessária a elaboração de um Diretório Litúrgico Diocesano, instrumento extremamente indispensável para a organização de nossa vida litúrgica diocesana.

### 3.3. Pilar da Caridade: serviço à vida plena (ano 2023)

*"Eles eram perseverantes (...) na comunhão fraterna".* (At 2,42)

As DGAE 2019-2023 em seu parágrafo nº 102 nos recordam que "na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã. Quando se contempla Deus, percebe-se a beleza do pequeno e do simples, e se educa o olhar para ver as necessidades do outro"[96].

No prefácio da Oração Eucarística VI-D a Igreja reza se dirigindo ao Pai, recordando que "Jesus sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra, anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas"[97]. Mais adiante, na mesma oração, a Igreja pede ao Senhor: "Dai-nos olhos pra ver as necessidades e os sofrimentos de nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo, e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço a eles"[98].

A Iniciação à Vida Cristã, é o processo de adesão à pessoa e ao projeto de Jesus Cristo, que, como citado no parágrafo anterior, sempre esteve ao lado e se fazendo solidário para com os que mais necessitavam. No primeiro capítulo deste Plano Diocesano de Ação Evangelizadora, constatamos que a realidade da maioria das famílias de nossa diocese é marcada pela presença das mais variadas situações de problemas, necessidades e sofrimentos, tais como: baixa renda, pobreza, desemprego (problemas estes que aumentarão drasticamente como consequência da pandemia da Covid-19); drogas, alcoolismo, violência doméstica, entre outros. Tudo isto nos faz perceber que se faz urgente e

[96] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023 n. 102
[97] Cf. Missal Romano, p. 860
[98] Cf. Missal Romano, p. 864

extremamente necessária uma atuação pastoral e social organizada por parte da nossa Igreja Diocesana frente a estas realidades de nossas famílias.

Diante da situação concreta mencionada anteriormente; considerando que a caridade deve ser uma prática fundamental da comunidade eclesial e acolhendo as sugestões apontadas pela XV Assembleia Diocesana para este terceiro pilar, faz-se necessário trabalhar para que até **o ano de 2023,** quando **será o ano da caridade em nossa Diocese**, esteja implantada e em plena atividade a "Caritas Diocesana" e a consequente organização e implantação das "Caritas Paroquiais", visto que a "Caritas" é o organismo eclesial responsável por articular as ações sociais e caritativas da Igreja, e é também o organismo através do qual a Diocese e as paróquias ficam aptas a captar e aplicar recursos para a implementação das ações sociais e caritativas que se fizerem necessárias.

Além disso, também é de fundamental importância que sejam melhores articuladas e/ou fortalecidas as diversas pastorais sociais já existentes em nossa Diocese: Pastoral da Criança, Pastoral da Pessoa Idosa e Pastoral da Sobriedade; bem como o empenho para que sejam constituídas as outras pastorais sociais conforme a realidade e necessidade de cada paróquia, como: Pastoral Operária, Pastoral Carcerária, Pastoral do Migrante, Pastoral da Saúde, etc.

A Cáritas e a Dimensão Social serão um elo de ligação para que todas as pastorais sociais através de seus agentes bem formados, possam trabalhar de forma conjunta e articulada para um serviço concreto e eficaz na defesa e promoção da vida em todas as suas etapas, especialmente dos mais pobres e vulneráveis. Ela também poderá atuar junto ás referidas pastorais, fazendo com que as realidades e necessidades sociais sejam mais conhecidas e as demais pastorais, movimentos, grupos, conselhos e comunidades realizem mais frequentemente e ordenadamente, gestos concretos em favor dos mais necessitados.

**As instituições mantidas pela Igreja** e que há tempos realizam excelentes ações sociais e caritativas no âmbito de nossa diocese também precisam ser mais divulgadas, pois quanto mais conhecidas, mais poderão ser apoiadas e desenvolvidas.

Também se faz extremamente necessário, como apontado pela XV Assembleia Diocesana, que os agentes das pastorais, bem como as comunidades de modo geral, **conheçam a Doutrina Social da Igreja.** O conhecimento das orientações do magistério da Igreja sobre os temas e questões sociais é indispensavelmente necessário para que os trabalhos pastorais realizados na dimensão social tenham o resultado esperado: a transformação do mundo urbano em que vivemos com a força do Evangelho. Neste caso, será necessário organizar uma forma (escola/curso???) para se oferecer formação sobre esta doutrina para os agentes das Caritas, das pastorais sociais, e para todos quantos interessar possa.

Por fim, o resgate e a correta implantação da Pastoral do Dízimo em todas as paróquias é de urgente importância. O dízimo, bem compreendido e

doado por todos os batizados como gesto de reconhecimento e gratidão à Deus por tudo o que temos e somos e como gesto de consciência clara da fé e da pertença à Igreja, se torna uma fonte de bênçãos para a comunidade eclesial como nos recordam as orientações e propostas da CNBB para o Dízimo: "por meio do Dízimo, que é uma contribuição motivada pela fé, os fiéis vivenciam a comunhão, a participação e a corresponsabilidade na evangelização"[99]. Essa vivência se torna evidente na comunidade eclesial quando os recursos conseguidos com a arrecadação do dízimo permitem pôr em prática de forma organizada e frutuosa as suas quatro dimensões: religiosa, eclesial, missionária e **caritativa**.

Assim, **2023** será o **Ano do Dízimo na Diocese de União da Vitória.** Nele será feito um grande trabalho em toda as paróquias e comunidades para que o Dízimo seja compreendido e vivenciado da melhor forma e se torne de fato "uma fonte de bênçãos" para a nossa Igreja Diocesana. Para isso, será necessário que até o ano de 2023 esteja constituída a Equipe Diocesana da Pastoral do Dízimo, bem como equipes paroquiais e comunitárias onde ainda não existam. As paróquias que já possuem equipes poderão aperfeiçoá-las e até mesmo indicar sugestões de nomes de suas equipes para a composição da equipe diocesana.

Ao mesmo tempo precisamos trabalhar para a reimplantação da Pastoral do Dízimo e fazer dele a fonte de recursos para o sustento das atividades da Igreja, precisamos também, diante do alarmante crescimento dos casos de alcoolismo e dos problemas ligados a ele que afetam e põem cada vez mais em risco a vida das famílias, rever o modo de realização de nossas festas e promoções comunitárias, sejam elas as dos padroeiros ou outras. Urgente se faz a retirada das bebidas alcoólicas, cujo compromisso foi pedido pelos bispos e assumido pelas dioceses do nosso Regional Sul 2 desde o ano de 2014.

### 3.4 – Pilar da Ação Missionária: estado permanente de missão (ano 2024)

*"Passando adiante, anunciava o Evangelho a todas as cidades".* (At 8,40)

O quarto e último pilar necessário para fazer com que nossas comunidades eclesiais possam alcançar, acolher e evangelizar com fecundidade nossas famílias é o da Missão. Não é demais lembrar o que o Concílio Vaticano II refletiu e confirmou sobre a natureza missionária da Igreja: "A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai"[100]. O agir de Deus é missionário. Deus é missão e Ele quer comunicar o seu amor misericordioso ao mundo. E o faz através do Filho que o revela e do Espírito Santo que o torna pleno no mundo. A Igreja nasce por obra do Espírito Santo para participar dessa missão como "sacramento universal ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano"[101].

O mundo cada vez mais urbano, que permeia também a realidade de nossa diocese e de nossas famílias com suas sombras e seus desafios, "embora

[99] Cf. CNBB, Doc. 106, p. 13
[100] Cf. AG, n. 2
[101] Cf. LG, n. 1

possa assustar, é na verdade uma porta para o Evangelho”[102]. É preciso que esta porta (os sofrimentos, problemas, crises e angústias pelas quais passam a famílias) seja aproveitada ao máximo pelas nossas comunidades eclesiais para o anúncio do Evangelho, obedecendo ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, e fazei todos os povos discípulos meus, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do espirito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que lhes ordenei”[103]. E para levar as famílias de nossa diocese a perceberem que Deus “preparou uma cidade para elas”[104] e que Ele “habita esta cidade”[105], este anúncio deve ser querigmático, atraente e deverá também proporcionar uma verdadeira conversão pastoral em nossas comunidades paroquiais, colocando-as num permanente estado de missão.

O ano de **2024** será, em nossa Diocese, **o ano da Missão.** Será uma grande oportunidade para vivenciarmos uma profunda experiência de “Igreja em Saída” e para que a “Alegria do Evangelho” seja levada às famílias de todos os cantos da Diocese. Até lá, porém, como apontado pela XV Assembleia Diocesana, deverão ser assumidas por toda a Diocese as ações realizadas pela dimensão missionária diocesana coordenadas pelo COMIDI – Conselho Missionário Diocesano. Este, juntamente com os COMIPAs – Conselhos Missionários Paroquiais – já implantados, deverão passar por um processo de renovação e fortalecimento. As paróquias que ainda não possuem o seu conselho missionário deverão assumir o compromisso de implantá-lo com o acompanhamento do COMIDI até 2024.

Deveremos da mesma forma, “promover as Pontifícias Obras Missionárias”, organismo oficial da Igreja Católica, que trabalha para intensificar a animação, formação e cooperação missionária e tem como objetivo “promover o espírito missionário universal do Povo de Deus”[106]. Entre elas estão a IAM – Infância e Adolescência Missionária (presente em algumas paróquias e comunidades de nossa diocese) e a JM – Juventude Missionária (ainda não implantada em nenhuma paróquia). É preciso que estas duas obras missionárias se tornem conhecidas e implantadas em todas as nossas paróquias.

Os(as) missionários(as) leigos(as) – novos e já atuantes – deverão passar por uma boa formação/preparação em estilo catecumenal para atuar na dimensão missionária.

É de fundamental importância, trabalhar para que as atividades de todos os movimentos, pastorais, organismos e conselhos em nível comunitário, paroquial e diocesano, sejam revestidas e realizadas com uma mentalidade e espiritualidade missionária. Esta mentalidade ajudará as comunidades a se compreenderem como missionárias e viverem em um estado permanente de missão. Este trabalho deverá ser encabeçado pelo COMIDI juntamente com toda

[102] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023, n. 114
[103] Cf. Mt 28, 19-20
[104] Cf. Hb 11,16; LF, n. 50-57
[105] Cf. Sl 47,9
[106] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023 n. 199; CM, n. 5

a Dimensão Missionária Diocesana. As SMPD – Santas Missões Populares Diocesanas – servirão de um belo espaço e oportunidade para isso.

É importantíssimo também as comunidades eclesiais investirem tempo, energia e recursos com os jovens. “Poderão ser promovidas missões juvenis em vista da renovação das experiências de fé e de projetos vocacionais e abrir espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo nas redes sociais”[107].

Será necessário também, “desenvolver projetos de visitas missionárias a áreas e ambientes mais distanciados da vida da Igreja”[108]. Essas visitas – que poderão ser realizadas pelos diversos grupos de pastorais, conselhos missionários e também pelo clero – devem ser bem programadas e aproveitadas para o anúncio querigmático, a acolhida fraterna e o acompanhamento permanente e caridoso das famílias. Cada Paróquia tem sua realidade específica e, como tal, precisa através de visitas e de outras formas ir ao encontro e atender todas as famílias e todas as pessoas.

Diante da atual cultura urbana também presente em nossa diocese, é urgente investir na presença nos meios de Comunicação Social, especialmente nas redes sociais, que mais do que nunca, se mostram como um extraordinário espaço de oportunidades para anúncio do Evangelho e testemunho missionário. A PASCOM – Pastoral da Comunicação – exercerá um papel fundamental na articulação deste trabalho, na formação e capacitação de agentes para tal função.

Também é urgente que nossas comunidades passem a valorizar como espaços missionários os hospitais, as escolas e as universidades, as cadeias públicas[109]. A presença fraterna e orante da Igreja em lugares como estes, pode ser muito oportuna para alcançar as famílias em suas diversas realidades, bem como para o anúncio do Evangelho e para a formação de pequenas comunidades missionárias.

[107] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023 n. 194; ChV, n. 240, 241 e 246
[108] Cf. CNBB, DGAE 2019-2023, n. 191
[109] Id. Ibid. n. 196

**ANEXO 1**

**SUGESTÃO DE CRONOGRAMA PARA O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES**

## PILAR DA PALAVRA

| O QUÊ | QUEM | QUANDO | COMO | ONDE |
|---|---|---|---|---|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

## PILAR DO PÃO

| O QUÊ | QUEM | QUANDO | COMO | ONDE |
|---|---|---|---|---|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

## PILAR DA CARIDADE

| O QUÊ | QUEM | QUANDO | COMO | ONDE |
|---|---|---|---|---|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

## PILAR DA MISSÃO

| O QUÊ | QUEM | QUANDO | COMO | ONDE |
|---|---|---|---|---|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |